

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação
Mestrado em Didática da Língua Portuguesa

Ler e Aprender Gramática: Um desafio a partir do Método de Leitura João de Deus

Inês Vindeirinho da Costa Silva

Coimbra
2013

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Didática da Língua Portuguesa

Ler e Aprender Gramática:

Um desafio a partir do Método de Leitura

João de Deus

Inês Vindeirinho da Costa Silva

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora

Lola Geraldês Xavier

Outubro de 2013

... mas muita gente ilustre que julga a Cartilha Maternal um simples processo de ensinar a ler, que por ser simples é óptimo, o que é uma ideia vaga, envolvendo um complexíssimo estudo e uma gloria nacional de máxima utilidade.

(Ramos, 1901)

Agradecimentos

Agradeço à minha família todo o apoio prestado, em especial ao meu marido, João Pedro.

À minha orientadora, Doutora Lola Xavier, agradeço muito a sua disponibilidade.

À Professora Glória Saraiva por todo o material bibliográfico que me cedeu para a realização deste trabalho.

Aos amigos e colegas pela compreensão e apoio nesta caminhada.

A todos, muito obrigada.

Ler e Aprender Gramática:

Um desafio a partir do Método de Leitura João de Deus

Resumo: Este trabalho tem como finalidade apresentar a *Cartilha Maternal* e o Método de Leitura João de Deus, como ponto de partida para a aquisição de conteúdos de gramática. Ler e aprender gramática é o tema central deste trabalho que resulta da observação da *Cartilha Maternal*, apurando a ocorrência de conteúdos gramaticais. Também referimos a aplicação de estratégias práticas, em alunos do 1º ano de escolaridade, que realizam a aprendizagem da leitura e escrita e, no decorrer da mesma, adquirem competências de conhecimento explícito. Como resultado de uma prática pedagógica de nove anos, a metodologia utilizada é qualitativa e usou-se como técnica a observação participante. Como conclusão, podemos verificar que é possível articular o ensino e aprendizagem da leitura e escrita com a aquisição de competências linguísticas, que muitas vezes resultam do conhecimento implícito do aluno, que se manifesta porque a criança já conhece intuitivamente o essencial da estrutura gramatical da língua.

Palavras-chave: João de Deus, Cartilha Maternal, método de leitura, ensino da leitura, ensino da gramática, conhecimento explícito da língua, conhecimento implícito, prática pedagógica.

Read and Learn Grammar

A challenge from the Method of Reading João de Deus

Abstract: This paper aims to present the *Cartilha Maternal* and Method of Reading João de Deus, as a starting point for the acquisition of grammar content. Read and learn grammar is the central theme of this work that results from the observation of *Cartilha Maternal*, investigating the occurrence of grammatical content. We also refer to the application of practical strategies, students in the 1st grade, who perform the learning of reading and writing, in the course of it, acquire skills of explicit knowledge. As a result of nine years of teaching practice, the methodology used is qualitative and we used as a technique of participant observation. As a conclusion, we can see that it is possible to articulate the teaching and learning of reading and writing with the acquisition of language skills this often result from the implicit knowledge of the student, which manifests because the child already knows intuitively the essential grammatical structure of the language.

Keywords: João de Deus, *Cartilha Maternal*, method of reading, teaching reading, teaching grammar, explicit knowledge of the language, implicit knowledge, pedagogical practice.

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I.....	7
Contextualização do Método de Leitura João de Deus	7
1. João de Deus – poeta e pedagogo.....	9
1.1 Vida e Obra	9
2. João de Deus Ramos.....	14
2.1 Obra pedagógica	14
3. <i>Cartilha Maternal</i>	19
3.1 O surgimento da <i>Cartilha Maternal</i>	19
3.2 A <i>Cartilha</i> e a crítica	22
4. Método de Leitura João de Deus	27
4.1 Métodos de Leitura	32
4.2 A ordem das letras na <i>Cartilha Maternal</i>	35
4.3 Linhas que caracterizam o Método de Leitura João de Deus	38
CAPÍTULO II	45
Metodologia e o desafio de aprender gramática	45
1. Metodologia.....	47
2. O desafio de aprender.....	48
3. O que é uma gramática?	53

4. A Gramática e a Cartilha	56
4.1 Lições da <i>Cartilha Maternal</i>	56
4.2 Léxico	71
4.3 Classes de Palavras	77
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS.....	107

Abreviaturas

AJJD – Associação de Jardins-Escolas João de Deus

CCC – Conselho para a Cooperação Cultural

CEL – Conhecimento Explícito da Língua

DGIDC – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

DT – Dicionário Terminológico

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

Índice de Quadros

Quadro 1 e 2	Temas apresentados na <i>Cartilha Maternal</i>	72
Quadro 3	Temas apresentados na <i>Cartilha Maternal</i>	73
Quadro 4	Temas apresentados na <i>Cartilha Maternal</i>	74
Quadro 5	Temas apresentados na <i>Cartilha Maternal</i>	75
Quadro 6	Nomes presentes na <i>Cartilha Maternal</i>	78, 79
Quadro 7	Formas verbais presentes na <i>Cartilha Maternal</i>	82
Quadro 8	Advérbios presentes na <i>Cartilha Maternal</i>	83
Quadro 9	Adjetivos presentes na <i>Cartilha Maternal</i>	84
Quadro 10	Classes gramaticais presentes na <i>Cartilha Maternal</i>	85

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no âmbito do Mestrado em Didática da Língua Portuguesa, e tem como objetivo apresentar a *Cartilha Maternal* e parte do Método de Leitura João de Deus enquanto ponto de partida para o ensino de conteúdos gramaticais.

Ler e Aprender Gramática é o tema central deste trabalho que pretende observar, na *Cartilha Maternal*, a incidência de conteúdos gramaticais e não tanto aspetos fonológicos e fonéticos que são cruciais na aprendizagem da leitura. Procurar-se-á explicitar estratégias e atividades de descoberta para o ensino da gramática a partir do conhecimento implícito dos alunos.

Conforme menciona João Costa *et al.*, no *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*, “Nos estudos preparatórios que conduziram à elaboração dos novos Programa de Português (DGIDC 2008), foi possível observar e quantificar alguns dados amplamente conhecidos: i) Os nossos alunos, em final de ciclo, têm dúvidas e dificuldades na resolução de problemas e exercícios que envolvam conhecimento de gramática; ii) Os nossos alunos, em final de ciclo, têm dúvidas e dificuldades em realizar tarefas que convoquem explicitação de conhecimento gramatical; iii) Muitos docentes consideram que o trabalho sobre gramática é menos útil do que o trabalho sobre competências de leitura, escrita e produção e expressão oral” (2011, p. 7). Pelo contrário, consideramos o trabalho sobre gramática tão útil e essencial como as competências de leitura, escrita, produção e expressão oral. O conhecimento da gramática é fundamental para a compreensão e entendimento da língua.

Ao professor compete identificar dificuldades com o objetivo de aprofundar e tornar explícito nos seus alunos o conhecimento da gramática. Considerando o Ensino Básico do 1º ciclo como o momento de primeiro contato direto com o estudo de regras gramaticais, é essencial que o método de leitura aplicado permita a aquisição de princípios e regras que regulam o uso oral e escrito da língua.

A escola muito mais que ensinar gramática, faz com que os alunos aprendam gramática: “Ensinar gramática no 1º ciclo visa desenvolver a consciência linguística das crianças, a qual, ao longo do seu percurso escolar, evoluirá para o estágio do conhecimento explícito” (Vieira, 2008, p. 18) Os alunos aprendem desde cedo o que lhes é transmitido por quem lhes é próximo, sejam familiares, amigos ou professores.

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho incide sobre a metodologia João de Deus e as práticas pedagógicas utilizadas nos Jardins-Escolas João de Deus. A metodologia utilizada resulta de nove anos de experiência como professora do 1º ciclo, entre os quais sete anos dedicados ao 1º ano de escolaridade, ensino da leitura e escrita através do Método de Leitura João de Deus, tendo como base a *Cartilha Maternal*.

João de Deus, pedagogo de sensibilidade poética, concebeu em 1876 a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura* a pensar na criança, que ocupa um lugar de destaque. O seu gosto pela língua portuguesa, unido ao seu desejo de ser útil aos mais humildes, sobretudo os analfabetos, fê-lo desenvolver esta obra que se apresenta como um método facilitador da aprendizagem da leitura, tendo João de Deus dedicado muitos anos da sua vida à alfabetização. O poeta acreditava que “Ler é essencial a todos. Onde há um analfabeto não há civilização”. Pretendia oferecer a todos a oportunidade de terem acesso à cultura e como a origem de transmissão

de saberes era o livro, João de Deus entendia que aprender a ler era um imperativo.

O desafio de aprender conteúdos gramaticais a partir do suporte físico *Cartilha Maternal*, com base na metodologia João de Deus é a proposta apresentada neste trabalho. Assim, expomos o Método de Leitura João de Deus e a forma como é mostrado aos alunos, referindo o método em que se exterioriza todo um conjunto de léxico do qual é possível partir para o ensino de regras gramaticais. Aspiramos dar resposta às seguintes questões: de que forma a *Cartilha Maternal* ajuda na aprendizagem de conteúdos gramaticais? Que atividades se podem proporcionar aos alunos para ensinar gramática? Como ensinar e motivar os alunos a aprenderem gramática? Será a base da *Cartilha Maternal* uma boa abordagem para a aquisição de gramática?

A *Cartilha Maternal* exterioriza-se com regras claras e bem definidas que são transmitidas aos alunos pelos professores de uma forma eficiente. Desejamos ensinar gramática numa perspetiva articulada com outras competências e conceber de forma eficaz o ensino da gramática para o trabalho de didática da língua.

Esta é uma abordagem com a expectativa de que este trabalho seja esclarecedor e consiga desmistificar a Metodologia João de Deus, refletindo no ensino da gramática e sobre as práticas implementadas como estratégias eficazes para a aprendizagem da língua portuguesa.

Na escolha do título *Ler e Aprender Gramática*, emerge a leitura porque ler é interpretar e quem sabe ler sabe interpretar, e é capaz de compreender a gramática. A *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura* foi criada para ensinar a ler e, tendo-a como base neste trabalho, será inevitável não referir a descoberta da leitura associada à aquisição de competências linguísticas.

Este trabalho divide-se em dois capítulos. O primeiro capítulo contextualiza o trabalho no seu todo. Apresentamos de forma sucinta a vida e obra do poeta João de Deus e de seu filho João de Deus Ramos, assim como o surgimento e crítica à *Cartilha Maternal*. Neste ponto, também é apresentado o Método de Leitura João de Deus, são referidos outros métodos de leitura e são apresentadas as linhas que caracterizam este Método, bem como algumas práticas educativas da metodologia João de Deus.

No segundo capítulo, apresentamos as opções metodológicas seguidas para a implementação do estudo da gramática a partir da *Cartilha Maternal* e descrevemos a análise prática a partir do Método de Leitura e da *Cartilha Maternal*, a Gramática e a Cartilha, mencionamos as lições, o léxico e as classes de palavras existentes. Por fim, apresentamos as conclusões desta forma de olhar para a *Cartilha Maternal* e de transmitir competências linguísticas.

CAPÍTULO I

Contextualização do Método de Leitura João de Deus

1. João de Deus – poeta e pedagogo

1.1 Vida e Obra

João de Deus Nogueira Ramos (1830-1896), mais conhecido por João de Deus¹, foi um conhecido poeta lírico, nascido a 8 de março de 1830, no Algarve, em São Bartolomeu de Messines. Filho de pais comerciantes, Pedro José Ramos e D. Isabel Gertrudes Martins, viviam modestamente e eram humildes e o seu filho manteve essa característica, sendo um homem simples:

Um homem generoso e bom, natural de Messines que nasce poeta e vai para Coimbra, depois de ter estado no seminário de Faro e, em Coimbra, convive com outros moços, como ele, amigos de poesia e lê os poetas de que gosta, que se informa de alguns dos que no nosso passado histórico escreveram versos e em que escolhe os de quem se sente irmão e continuador.

(Magalhães, 1995, p. 8).

A primeira instrução recebeu-a em casa, aprendendo então o latim. Em 1849 partiu para Coimbra, onde se formou na Faculdade de Direito. A formatura de João de Deus, como ele próprio dizia, “levou 10 anos, como a guerra de Tróia”. João de Deus escreveu a sua primeira

¹ Ver anexo 1.

poesia em 1855, publicada na Revista Académica, dedicada a Raquel, uma jovem formosa e admirada por todos na academia, fatalmente falecida num acidente. Redigiu o jornal *O Bejense* (1862 – 1864) e em 1869 foi eleito deputado, por influência de José António Garcia Blanco e Domingos Vieira, o que o levou a fixar a residência em Lisboa. A política não o atraía e aceitara a eleição sobretudo por condescendência ao pedido dos amigos, por isso só se conservou numa legislatura, raras vezes aparecendo na Câmara. Durante esse tempo sofreu grandes privações.

Em 1868 apareceram as suas poesias coligidas sob o título de *Flores do Campo*, publicadas por José António Garcia Blanco. Já em 1878 saiu no Porto uma 2ª edição, sendo de 1869 a coletânea *Ramo de Flores*. De 1893, publica-se a edição com o título *Campo de Flores*, organizada por Teófilo Braga, que coligiu tudo que o poeta havia dispersado:

Sim, porque os poetas também são homens deste mundo. Homens no meio de outros homens. Onde há os que valem mais e os que valem menos. Os que sofrem, os que choram, os que são importantes e os que se julgam importantes.

(Magalhães, 1995, p. 25)

João de Deus deixou inacabada uma nova edição do *Campo de Flores*, que saiu em 1896, na qual foram incluídas mais de 120 poesias que se encontravam em diferentes jornais. Assim, a simplicidade da poesia de João de Deus é o resultado de um trabalho de aperfeiçoamento

que, na opinião de Joaquim Magalhães, dá muito maior valor à sua obra poética e pedagógica. “Pois se não há dúvida de que ninguém tem culpa de ser inteligente ou o contrário, no desenvolvimento das nossas capacidades positivas temos obrigação de as melhorar e aperfeiçoar sempre. Foi o que fez João de Deus, segundo o testemunho de Eugénio de Castro” (Magalhães, 1995, p. 23).

Os temas fundamentais da lírica de João de Deus foram a mulher, Deus e a natureza. Desde muito cedo que se revelaram como sendo aspetos fulcrais do seu lirismo a que se aliavam os aspetos humorístico e satíro. Como escreveu José Régio,

desde a sensualidade cândida à veneração mística, o seu amor adeja buscando a forma, e atingindo o espírito em virtude da natural elevação e da imperturbável inocência do poeta. Inocente, nenhum poeta amoroso foi mais que João de Deus. A sua sensualidade expande-se em confissões e enlevos de tanta ingenuidade e frescura, que o desejo, várias vezes presente nos seus versos, aí aparece despido de toda a fealdade. Deste amor sensual, embora alado, ergue-se o poeta ao culto da mulher.

(s/d, s/p)

Entre os admiradores encontramos Antero de Quental cuja amizade se manteria por muitos anos. É o próprio Antero que publicamente o elege como continuador da riqueza do soneto como o sentira Luís de Camões. É precisamente defendendo a grandiosidade do

autor dos *Lusíadas* que João de Deus se insurge contra António Feliciano de Castilho, na conhecida “Questão Coimbrã”².

Muitos mais intelectuais, tais como Teófilo Braga, Teixeira Gomes, Manuel Laranjeiro e Camilo Castelo Branco, contemporâneos de João de Deus, mas também Hernâni Cidade, Gaspar Simões ou José Régio, anunciaram a poesia de João de Deus como notável para a época.

Não admira que os estudiosos da poesia tenham dedicado à de João de Deus frequentes e sempre renovados comentários. Este que a estuda nos aspectos de lirismo amorosamente idílico; outro que a considera na faceta reveladora do amor à infância e às crianças; aqueloutro que procura aprofundar o que a obra revela de instituição pedagógica ou de piedade pela infância que fez o autor-poeta inventar a Cartilha e tornar-se numa espécie de renovador do ensino mais difícil e mais essencial que é o das primeiras letras.

(Magalhães, 1995, p. 9).

João de Deus criou a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura* em 1876, e começou a pensar em fazer algo mais pelo povo português. Estava preocupado com a necessidade de chegar a um maior número de pessoas, mesmo aquelas que não iam à escola. João de Deus começou a dar formação gratuita de *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, *Arte de Escrita* e *Arte de Contas* em sua casa a adultos que iriam trabalhar como

² Também conhecida como a “Questão do Bom Senso e Bom Gosto”, foi uma das mais importantes polémicas literárias portuguesas e a maior em todo o século XIX.

professores do Método João de Deus, percorrendo o país em missões de alfabetização. Por iniciativa do seu amigo Casimiro Freire foi fundada em 1882, a Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus.

João de Deus casou com Guilhermina Bataglia Ramos, filha dum organista italiano da corte de D. Luís, tiveram quatro filhos, um deles João de Deus Ramos, nascido em Lisboa a 26 de abril de 1878. É este que dará continuidade à sua obra.

A 8 de março de 1895, data de aniversário do poeta, a juventude das escolas fez-lhe uma manifestação como nunca antes vista em Lisboa. No cortejo que o foi saudar a casa, estavam presentes todos os estudantes das escolas de Lisboa, da Universidade de Coimbra, do Porto, Santarém, Braga, Lamego, Portalegre, entre outras. A Academia Real das Ciências e o Instituto de Coimbra proclamaram-no seu sócio de honra e foi condecorado pelo Rei D. Carlos, que o agraciou com a Grã-Cruz de Santiago e Espada.

João de Deus veio a falecer com 66 anos de idade, a 11 de janeiro de 1896. O seu funeral foi notável de grandiosidade, com outra manifestação verdadeiramente imponente. O seu corpo foi depositado no Panteão dos Jerónimos, em Belém, atualmente, e desde 1966, encontra-se no Panteão Nacional, no Campo de Santa Engrácia, em Lisboa.

2. João de Deus Ramos

Em prol da educação João de Deus Ramos deu continuidade ao trabalho realizado pelo seu pai, João de Deus, estando ligado à intensa e generosa atividade das Escolas Móveis pelo Método João de Deus.

2.1 Obra pedagógica

João de Deus Ramos (1878-1953), foi o terceiro dos quatro filhos³ de João de Deus e Guilhermina de Battaglia Ramos. Iniciou os seus estudos aos seis anos e de imediato se distinguiu como bom aluno. Aos 17 anos João de Deus Ramos perde o pai e assume de certo modo, a chefia da família. Apaixona-se pela alfabetização do povo português e pelo Método João de Deus, que estuda e desenvolve. Sabe que o pai depositou nele a esperança do ser o seguidor da sua obra.

Terminado o liceu em 1897, João de Deus Ramos foi para a Universidade de Coimbra estudar Direito. Dedicou-se aos estudos e estreitou amizade com João de Barros, a quem confidenciou os seus projetos. Muitos eram aqueles que não acreditavam que ele fosse capaz de vir a realizar tudo o que idealizava, consideravam-no um idealista, um sonhador.

No ideal educativo de João de Deus Ramos impera a Educação e a Pedagogia que absorverão toda a sua vida, dedicando-se com exemplar desinteresse material e uma total doação do seu tempo e do seu

³ Ver anexo 2 e 3.

pensamento aos interesses da criança portuguesa. Tempo esse também dedicado à música, tocava guitarra portuguesa na perfeição e compunha música. Assim, João de Deus Ramos adapta um poema de seu pai “Lágrima Celeste”⁴, compôs a música e, desta forma, não será esquecida esta poesia, sendo um dos seus maiores sucessos musicais. Ainda hoje se escuta e canta “Lágrima Celeste” nos Jardins-Escolas João de Deus.

Em 1902, concluiu os seus estudos e publicou *Os Altos Princípios do Método João de Deus*. Faz uma campanha de difusão na qual é auxiliado pelos principais intelectuais do seu tempo. No ano seguinte, percorre o país de norte a sul fazendo conferências pedagógicas e propaganda do Método de Leitura e Escolas Móveis.

Assume a direção da Associação de Escolas Móveis em 1908, que o seu pai tinha fundado, e altera-lhe o nome para *Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus e Bibliotecas Ambulantes*. Nesse mesmo ano realizou uma viagem pela Europa central e observou jardins-de-infância a funcionar. Dessas visitas teve contacto com diferentes pedagogos e métodos de ensino, entre os quais: Friedrich Fröebel (1782-1852), Ovide Decroly (1871-1932), Maria Montessori (1870-1951) e Johann Pestalozzi (1746-1827), que serão a base das metodologias adotadas nos Jardins-Escolas João de Deus.

Ao regressar e dada a vontade de esclarecer as pessoas sobre o Método de Leitura João de Deus, João de Deus Ramos começou a pensar em criar jardins-escolas e vai edificar o primeiro Jardim-Escola em Coimbra, em 1911. Como escreveu Joaquim Manso num jornal: “João de Deus Ramos pensou logo em Coimbra, a linda cidade que a sua juventude amara”. Como não havia dinheiro, o terreno é doado por um

⁴ Ver anexo 4.

grupo de pessoas, entre as quais Eugénio de Castro. Há dádivas locais, nomeadamente da Fábrica da Pampilhosa, e Raul Lino executa o projeto. Funda-se o Orfeão de Coimbra dirigido por António Joyce que consegue uma importante verba para quase metade da construção, através de inúmeros espetáculos que realizou no país. Ao primeiro *Jardim-Escola*⁵ seguem-se outros, estando atualmente em funcionamento 55 centros educativos entre os quais creches, jardins-de-infância, 1º ciclo e, mais recentemente, o 2º ciclo. Como refere Nicolau Raposo “ Se já na época em que foi criado, o 1º Jardim-Escola João de Deus teve grande alcance social e pedagógico, o tempo decorrido de 1911 para cá [1991] tem confirmado plenamente que se tratou de um inestimável contributo prestado à educação pré-escolar em Portugal” (1991, p. 7).

Em 1917, é inaugurado o Museu João de Deus⁶ em Lisboa. Após a implantação da República, um grupo de republicanos abordou João de Deus Ramos, para concretizar um projeto para a expansão de ideais. Contou com a ajuda de Afonso Lopes Vieira que levou à imprensa a ideia da construção do Museu João de Deus que teria um duplo objetivo, o de ser um monumento ao poeta-educador e o de ser uma biblioteca de apoio à cultura portuguesa.

Na sala do Museu⁷ foram feitos cursos de alfabetização a portugueses e estrangeiros. Muitos grupos de estrangeiros vêm aprender o Método de Leitura João de Deus que principalmente em África foi muito difundido. Realizam-se conferências e debates nas quais figuram

⁵ Ver anexo 5.

⁶ Ver anexo 6.

⁷ No Museu João de Deus - Bibliográfico, Pedagógico e Artístico, hoje podemos encontrar, além de correspondência e objetos pessoais de João de Deus e de João de Deus Ramos, bustos, pinturas, desenhos, e ainda uma biblioteca histórica.

os principais nomes da cultura de Portugal e do Brasil. Em 1920 iniciou-se o curso de formação de Educadores de Infância em Portugal, designando-se *Curso de Didáctica Pré-Primária pelo Método João de Deus*. Em 1943 esses pequenos cursos alargam-se num curso de preparação de pessoas destinadas a orientar crianças com menos de 6 anos, Curso de Auxiliares de Educação Infantil.

A Escola Superior de Educação João de Deus de Lisboa⁸ obteve autorização legal para funcionar em 9 de novembro de 1988, sendo o único espaço durante vários anos, a formar Educadores de Infância em Portugal, prestando um contributo decisivo no incremento da Educação Infantil. Foram criados os cursos de Educadores de Infância e de Professores do Ensino Básico - 1º Ciclo. Em 2004, apostou-se na realização de Licenciaturas e Mestrados também já inseridos nos Princípios da Declaração de Bolonha, e em 2008 foram aprovados os cursos de Mestrados de Formação de Docentes.

João de Deus Ramos teve três filhas que vão, de algum modo, dar continuidade à sua obra dedicada ao ensino, nas escolas deixadas pelo seu pai. Em 1953, na sala do Museu, João de Deus Ramos faleceu durante o seu trabalho com uma trombose, repetição duma crise do ano anterior. A filha mais velha, Maria Guilhermina, criou uma Fundação⁹ que se destina a perpetuar o nome de João de Deus Ramos, e a segunda, Maria da Luz de Deus, continuou à frente da *Associação de Jardins-Escolas* até à data da sua morte, em 8 de dezembro de 1999. A partir dessa altura, a direção da Associação passou para as mãos do

⁸ Ver anexo 7.

⁹ A Fundação Maria Guilhermina Deus Ramos Soares Lopes foi instituída em 5 de abril de 1993, pelo Dr. Joaquim Soares Lopes.

Professor Doutor António Ponces de Carvalho (bisneto de João de Deus e neto de João de Deus Ramos), sendo também o Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus de Lisboa.

A Escola Superior de Educação João de Deus é uma entidade sem fins lucrativos. É propriedade da Associação de Jardins-Escolas João de Deus (IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social), com mais de um século de existência. A Associação João de Deus tem 8268 utentes nos Centros Educativos distribuídos pelo país cuja atividade se reparte por: 37 Jardins-Escolas, 7 Centros Infantis e Creche Familiar, 2 Ludotecas Itinerantes, 2 Museus - Lisboa e São Bartolomeu de Messines, os Projetos "Anos Ki Ta Manda", o GIP (Gabinete de Inserção Profissional), o Centro de Acolhimento Temporário de Crianças e Jovens em Risco de Odivelas "Casa Rainha Santa Isabel" e a Escola Superior de Educação João de Deus (dados de 2013).

3. *Cartilha Maternal*

O modesto livrinho tem em si uma ideia, uma crisálide formosa que espera apenas o toque da vara mágica para romper as últimas peias que embaraçam a livre expressão da natureza. Esta ideia, posto que inconsciente, denuncia o homem de génio, que se revela em tudo o que toca.

(Vasconcelos, 1976, p. 69)

3.1 O surgimento da *Cartilha Maternal*

João de Deus foi sempre um homem preocupado com as letras e a arte da leitura bem como com a escrita. Com o intuito de resolver de um modo prático o problema do ensino popular do seu tempo, publicou, em colaboração com António José de Carvalho, o *Dicionário Prosódico Luso-Brasileiro*¹⁰. E como nos refere Ana Mira:

Foi naquele fervilhar ideológico do século passado que João de Deus se manifestou, primeiro com a poesia lírica, numa expressão directa e imediata de sentimentos e sensações (...), e em seguida, em sintonia com os conceitos que preconizavam a necessária instrução do povo, publicando o Dicionário Prosódico luso-brasileiro (...) e a *Cartilha Maternal* ou *Arte de Leitura*.

(Mira, 1995, p. 11)

¹⁰ Ver anexo 8.

Em 1876 é publicada, a pedido da editora Rolland, a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*¹¹, fundamentada num estudo minucioso da língua nos seus aspetos fonológicos e fonético. Para João de Deus, aprender a ler não pode ser um simples ato mecânico, mas um meio de aprender a raciocinar. Esta primeira edição esgota-se rapidamente e viria a fazer uma verdadeira revolução no ensino, destruindo por completo “os velhos métodos”, ou seja, os métodos silábicos, contra os quais se opunha João de Deus. Para ele a unidade principal da leitura era a palavra. Recusa-se a tratar as sílabas independentemente das palavras em que estão escritas.

Uma das características da *Cartilha Maternal* é exatamente o tipo de impressão adotado nas lições. Todas as lições apresentam as palavras segmentadas silabicamente através do recurso ao preto e cinzento. Este aspeto permite obter a decomposição das palavras sem quebrar a unidade gráfica e sonora das mesmas.

Segundo Maria João Freitas *et al.*,

aprender um código alfabético envolve obrigatoriamente a transferência de unidades do oral para a escrita, (...) através de um treino sistemático, o desenvolvimento da sensibilidade aos aspectos fónicos da língua, com o objectivo da promoção da consciência fonológica, entendida como a capacidade de identificar e de manipular as unidades do oral.

(Freitas, 2007, p. 7)

¹¹ Ver anexo 9.

Assim, o papel do professor é atuar no progresso da reflexão sobre a oralidade e treino da capacidade de segmentação da cadeia de fala, no sentido de conseguir que as crianças façam corresponder o som da fala a um grafema. Esta operação, por vezes é complexa, dado que não conseguem ainda segmentar o contínuo sonoro em unidades mínimas.

O Método de Leitura João de Deus sofreu várias críticas. É, no entanto, de realçar que a aprendizagem das crianças é feita de uma maneira rápida e harmoniosa, através da *Cartilha Maternal*, e ainda hoje é considerado um método eficaz e ativo.

Neste domínio há que repetir que aprender a ler não pode ser e não é apenas um ato automático, mas para ter êxito tem de se partir do raciocínio e fazer analogias com vivências das crianças, sendo estas cruciais para o sucesso da aprendizagem. Com a *Cartilha Maternal*, João de Deus deu às crianças portuguesas da época uma hipótese de serem cidadãos mais respeitados e capazes de lutarem pelos seus interesses e de intervirem na sociedade em que estavam inseridos. Este método de leitura é aprovado e declarado como método de leitura nacional, a 7 de fevereiro 1888.

Pretendia-se, assim, que a leitura fosse ensinada gratuitamente e que todos aprendessem as primeiras letras. Desta forma, a *Cartilha Maternal* “prepara a alma do povo que se deve instruir educando-se” (Ramos, 1902, p. 5). João de Deus Ramos manifesta, nos *Altos Princípios do Método de João de Deus*, que não basta instruir, é necessário educar.

João de Deus chamou Maternal à sua cartilha porque, segundo ele:

as mães que nos ensinam a falar é que nos deviam ensinar a ler. Se ainda, nalgumas nações, de cem mães uma sabe ler, e de mil uma ensina os seus filhos, hão-de vir outros tempos e outros costumes. A fala é a língua da família: [...] Mas ainda tive outro motivo que é destinar aquele trabalho principalmente aos particulares. E se os homens cultos, tantas vezes distanciados de professores competentes, o adoptarem no ensino de seus filhos, por feliz me dou.

(Deus, 1877, s.p.)

Estas palavras ditas por João de Deus no *Jornal das Senhoras* de fevereiro de 1877, explica o nome dado à sua *Cartilha Maternal* e a proximidade necessária entre quem ensina e quem aprende.

3.2 A Cartilha e a crítica

Nas escolas portuguesas, o ensino implementado até e durante o século XIX, exterioriza em muitas crianças uma incapacidade de obter bons resultados no âmbito da escrita e leitura. Seria uma época marcada pelo surgimento de diversos métodos de ensino, aos quais a sociedade manifestava interesse. Para o ensino das primeiras letras, foram publicadas várias cartilhas, entre elas a *Cartilha Maternal*. Este Método de Leitura de João de Deus suscitou muita controvérsia, e muito se

escreveu sobre este fenómeno que viria a revolucionar o ensino, anulando os velhos métodos.

A favor do método manifestaram-se intelectuais tais como Carolina Michaëlis de Vasconcelos que escreveu, em 1877, no jornal do Colégio Portuense, *O Ensino*, o seguinte:

[...] com a Cartilha do Senhor João de Deus entramos num mundo novo; tudo mudou de aspecto, tudo se tornou simples, lúdico, transparente. O novo pedagogo vai guiando o discípulo passo a passo; não o mete num labirinto; apresenta-lhe um plano disposto na melhor ordem e assenta no seu lugar, uma a uma, as pedras do edifício, que são os elementos da língua. Dá a conhecer as letras uma por uma, assim como a sua aplicação e só no fim constitui a cadeia do alfabeto, ligando estes seus elos; não desmembra as palavras em sílabas, as sílabas em letras, apresenta à criança a flor intacta.

(*O Ensino*, 16 de outubro de 1877, nº 2)

Tal como refere Ana Mira, a *Cartilha Maternal* “ analisada à luz do saber atual, demonstra uma riqueza surpreendente de intuições científicas, confirmadas posteriormente, que só um pensamento e uma sensibilidade excecionais poderiam conceber” (1995, p. 6).

Como se disse atrás, para João de Deus, a unidade principal do discurso é a palavra. O ensino da leitura assentava no agrupar de determinadas letras e suas combinações de forma a se constituírem palavras.

À medida que o Método de Leitura João de Deus é divulgado e experimentado em todo o território português, surgem as críticas ao novo método de leitura, *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*.

Vinte e cinco anos antes da publicação da mesma, António Feliciano Castilho publica o *Método Castilho*. Assim iniciam-se as polémicas entre professores e intelectuais, uns defendem a *Cartilha Maternal*, outros o *Método Castilho*. Um dos defensores de Castilho, Augusto Coelho, analisou a classificação de fonemas feita por João de Deus e considerou-a “empírica e não científica”, e em seguida examinou a forma como na *Cartilha Maternal* se desenvolvia o ensino da leitura e aplaude João de Deus por este ter escolhido não misturar os caracteres maiúsculo com o minúsculo, criticando esta escolha no *Método Castilho* embora seja seu defensor. No entanto, João de Deus e Feliciano de Castilho concordam num ponto: ambos rejeitam o Método Alfabético¹².

Em relação à apresentação do tipo de impressão, Joaquim Gomes aplaude “para uma primeira apresentação o tipo redondo e, de entre o tipo redondo, o minúsculo” (Gomes citado por Barreto, 2004, pp. 205-207).

O Método de Leitura João de Deus foi o método que mais agitação causou entre pensadores da época e dessa forma “atraiu a atenção do público para essa nobre instituição que se denominou escola primária” (Coelho, 1989, p. 371). Muitos eram contra este método de

¹² O Método Alfabético, também conhecido como soletração, tem como princípio de que a leitura parte da decoração oral das letras do alfabeto, depois de todas as suas combinações silábicas e, em seguida, das palavras.

ensino por ter como base uma cartilha e muitos continuam a desaprová-la porque foi publicada há mais de um século.

Segundo Ana Mira, esta reprovação surge do desconhecimento e

talvez por isso muitos espíritos apressados caíam facilmente na tentação de sobranceiramente a relegarem para o rol das velharias. Inadequada porque do século passado? Ou porque, talvez, esses espíritos não dispunham de conhecimentos suficientes para compreenderem a modernidade dos seus postulados.

(Mira, 1995, p. 5)

Assim a *Cartilha Maternal* foi sendo divulgada, mas também elogiada por alguns, defendida por António Leitão (1905, p. 46) que considerou o Método de Leitura João de Deus, “em teoria absolutamente racional e científico, na prática incontestavelmente vantajoso”.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos defende o método e não acreditando que seja “obra do acaso, o produto das horas de ócio do poeta” evidencia que a *Cartilha Maternal* “é fruto perfeitamente sazonado que deve o seu viço, a sua cor, o seu aroma, numa palavra, a sua virtude, à acção da luz anterior, que é para as ideias o que o sol é para as plantas” (Vasconcelos, 1976, p. 89).

Este “génio” concebeu uma cartilha simples, mas ensinar por ela exige esforço e dedicação e o professor tem de ter consciência do ensino da leitura e conhecer previamente todos os elementos da língua que se representam graficamente. Por isso, só depois de uma rigorosa análise da linguagem falada se podia conceber um sistema verdadeiro de ensinar a

ler, “como só depois de conhecida essa análise se pode perceber completamente a Cartilha Maternal” (Ramos, 1902, p. 19). Para ajudar a compreendê-la na primeira edição da *Cartilha Maternal* existem notas que acompanhavam cada uma das lições para auxiliar e esclarecer o professor na sua tarefa de ensino. Hoje existe o *Guia Prático da Cartilha Maternal* (Deus, 1997), onde se encontram as indicações e as explicações.

António Nóvoa refere que ensinar, hoje em dia, é muito mais difícil do que foi no passado. Ser professor, hoje em dia, implica um contacto estreito com abordagens científicas que tendem a transformar a profissão docente numa profissão de grande tecnicidade: “é mais, muito mais, do que deter um “saber geral” que se vai difundindo intuitivamente segundo a evolução dos alunos que temos à nossa frente. Implica uma compreensão do saber e da forma como ele foi construído, implica um domínio dos mecanismos de apropriação pelos alunos deste saber” (Nóvoa, 1991, p. 16).

O método expandiu-se e difundiu-se além-fronteiras chegando ao Brasil, Moçambique e Angola. Presentemente, ainda é utilizado, com grande sucesso, nos Jardins-Escolas João de Deus. Para muitos é precioso e deve ser acarinhado, para outros não é um método a seguir, porque cedo escolariza as crianças. A *Cartilha Maternal* é usada atualmente com êxito em todas as escolas João de Deus, onde o sucesso dos alunos é visível. Sentimos que os alunos orientados por este método de leitura têm um grande desenvolvimento ao nível intelectual, moral, e sensorial.

4. Método de Leitura João de Deus

Diz-se, por vezes, que não é fácil apreciar as qualidades de um *Método de Leitura*, mas se tivermos em conta os resultados obtidos, temos uma boa base para um juízo de valor. A experiência feita ao longo de muitos anos e a taxa de sucesso conseguida, mesmo em casos difíceis, representam uma afirmação de qualidade difícil de negar. O desenvolvimento mental das crianças, que aprendem, ou aprenderam pelo Método de Leitura João de Deus, é facilmente comprovada e tem um reflexo muito positivo no seu prosseguimento de estudos.

Não desprezando o aspeto lúdico, o Método de Leitura João de Deus faz uma análise da língua, feita através de um processo sério e graduado que se baseia num raciocínio lógico: “Para saber ler e escrever a criança terá de olhar para cada uma das letras das palavras, mas também para as vizinhas, as quais poderão ser determinantes para achar o seu valor” (Viana, 2002, p. 56).

A escolha e a apresentação das letras, mais fáceis de aprender, obedece a um critério, e é a isso que chamamos “método”. Perante este método, Ana Mira evidencia que João de Deus traça as bases de um método global de ensino da leitura que “tende a não isolar letras ou sílabas das palavras gráficas” (1995, p. 13). Entre o Método e as regras gramaticais, fonéticas e fonológicas da língua portuguesa, João de Deus procurou que não houvesse desvios ou faltas de rigor.

Para uma pronúncia correta por parte do aluno, referimos o modo de articulação e ponto de articulação das consoantes. Usamos a classificação tradicional de base articulatória, por ser útil para as explicações que damos aos alunos e para a sua compreensão. A consoante é “um som produzido com obstrução parcial ou total à

passagem do fluxo de ar expiratório no trato vocal. O modo de articulação descreve a forma como se realiza a obstrução à passagem do ar” (Falé *et al.*, 2011, p. 45). Podemos ter uma obstrução total à passagem de ar ou uma obstrução parcial. Dependendo desta obstrução teremos assim, uma consoante oclusiva, ou fricativa, ou lateral ou vibrante. Durante a articulação da consoante, o local no trato vocal onde se dá a obstrução à passagem do fluxo e ar é denominado por ponto de articulação. Este ponto é indicado ao aluno para ele ser capaz de pronunciar corretamente as palavras.

Durante as primeiras lições, as letras são apresentadas pela sua leitura ou valor fonológico, e cada letra apresenta apenas um valor. A partir da décima quinta lição surgem as consoantes que têm dois valores ou leituras, segundo João de Deus. A primeira consoante com dois valores fonológicos é a letra <c>.

Atentemos o que nos diz o *Guia Prático da Cartilha Maternal*:

Esta letra lê-se [s], portanto vamos chamar-lhe cê. Lê-se [s] quando vem a seguir um <e> ou um <i>, ou quando tem por baixo um sinalzinho que se chama cedilha. Lê-se [k], com a língua encolhida, como a letra anterior¹³, e chamamos-lhe [k]. Então com estes dois nomes *cê* e *ke*, enquanto estivermos a ler na Cartilha Maternal, vamos chamar-lhe cêke, formando com dois valores, um só nome, que ajudará a lembrar as suas leituras. [...]

(Deus, 1997, p. 62)

¹³ Letra <q>.

À criança explicamos que as pessoas, tal como as letras, têm um nome e esse nome é sempre o mesmo e não se pode mudar. O uso de mnemónicas ajuda a memória e é um processo facilitador do ato de aprender.

De seguida criamos um diálogo entre professor e aluno:

Professor: - Como se chama esta letra?

Aluno: - cêke.

Professor: - Quantos valores tem?

Aluno: - Dois, cê e kê.

Professor: - Quando se lê com o primeiro valor?

Aluno: - Quando está a seguir um <e> ou um <i>, ou quando tem cedilha.

Professor: - Quando se lê com o segundo valor?

Aluno: - Quando a seguir não tem <e>, nem <i>, nem cedilha.

(Deus, 1997, pp. 62-63)

Neste trabalho, o ensino da leitura não é a sua essência, por isso pouco nos debruçaremos na explicação dos valores fonológicos atribuídos a cada uma das letras. Neste Método de Leitura é ensinado ao aluno o nome da letra e a forma como se lê, segundo os seus diferentes valores ou valor. A descoberta de *valores e regras* a aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtiva que lhes dá muita satisfação. É esta a proposta que João de Deus faz ao aprendiz leitor.

Reconhecemos ser fundamental este contacto das crianças com as rimas e a necessidade de trabalhar a consciência fonológica desde cedo.

As Metas Curriculares de Português do Ensino Básico de 2012, para o 1º ano, têm em vista desenvolver a consciência fonológica e operar fonemas.

O Caderno de Apoio às Metas Curriculares de Português do Ensino Básico de 2012, apelidado *Aprendizagem da Leitura e da Escrita (LE)*, menciona que

a criança tem de compreender o princípio alfabético de escrita – isto é, que as letras representam aproximadamente fonemas – e para isso tem de ter consciência de que a linguagem falada pode ser descrita como uma sequência de fonemas, unidades fonológicas que correspondem a certos padrões articulatorios. Na realização articulatória, consoantes e vogais são produzidas simultaneamente, são co articuladas (ao contrário da escrita, em que elas são representadas sequencialmente) e é precisamente esta dissociação da consoante e da vogal na sílaba que a criança tem de operar na sua mente ao aprender a ler num sistema alfabético de escrita.

(Buescu *et al.*, 2012, p. 6)

É desta forma que os nossos alunos interiorizam as letras, os sons e todo um conjunto de normas que lhes permitem o sucesso da leitura e do código linguístico.

Segundo Joaquim Magalhães, João de Deus joga com as palavras mais familiares, joga com as rimas, é “dominador das expressões do idioma falado e empregando-as na escrita com a arte de um domador,

para o uso que o Artista, que ele é, pretende e consegue” (Magalhães, 1995, p. 24).

É essencial fazer jogos de linguagem e de análise da língua, pois são ótimas estratégias para potenciar o desenvolvimento da linguagem em geral e da consciência fonológica em particular. Nestes jogos, as lengalengas, as rimas infantis e os contos rimados desempenham um papel de relevo, pois “O desenvolvimento da sensibilidade à rima constitui um bom precursor de formas mais elaboradas de consciência fonológica, direccionando a atenção das crianças para a forma das palavras” (Freitas *et al.*, 2007, p. 49). Esta sensibilidade é trabalhada no Jardim-Escola, diariamente com os alunos, desde o pré-escolar, pronunciam lengalengas e rimas infantis. Os momentos escolhidos são de manhã aquando da chegada dos alunos ao Jardim-Escola, momento destinado à realização de rodas e canções infantis, ou até mesmo no decorrer do dia.

O Método de Leitura João de Deus é iniciado nos Jardins-Escolas aos cinco anos, ou seja, a aplicação desta metodologia é realizada um ano antes da entrada para o 1º ano do Ensino Básico. No 1º ano reaparece a aprendizagem da leitura e escrita, e relembra-se todos os valores fonológicos e regras das letras, aprendendo assim a ler e a escrever corretamente. Consolidam-se também conhecimentos e desenvolvem-se competências linguísticas que focaremos mais à frente no capítulo II. Leitura e escrita estão intimamente ligadas, são domínios que têm envolvidas competências interligadas.

Contudo, o Método de Leitura João de Deus respeita o ritmo de aprendizagem de cada criança porque é organizado de forma sistemática e lógica. Aos cinco anos as crianças estão ávidas de saber e é através da observação, da experiência, da exploração, que a criança constrói o

conhecimento. Tal como refere o psicólogo Norman Sprinthall: “Nesta idade as crianças estão interessadas em aprender muitas das competências que lhes são ensinadas. A um nível concreto e funcional é divertido decifrar letras, aprender a escrever, somar e subtrair, pois cada uma destas competências dá acesso a um novo conjunto de experiências” (Sprinthall, 1993, p. 150).

De um modo geral, quanto maior o número de estímulos dado a uma criança, mais rápida será a sua aprendizagem e mais eficiente será a sua resposta quando colocada perante novas situações. Deste modo, para além de uma atenção constante e personalizada, é importante que o educador/professor diversifique estratégias de modo a fornecer o maior número de experiências diferentes à criança em qualquer situação e independentemente do método utilizado para o ensino da leitura.

4.1 Métodos de Leitura

Durante séculos, o único método de leitura existente foi o da soletração. Nos séculos XVI e XVIII até a década de 1960 foram criados novos métodos sintéticos e analíticos. Nessa época, foram concebidas as cartilhas, amplamente utilizadas, cujos métodos serão analisados à luz da linguística. A década de 1980, com a divulgação da teoria da Psicogénese da língua escrita, ficou marcada “pelo questionamento da necessidade de se associar os sinais gráficos da escrita aos sons da fala para se aprender a escrever” (Mendonça, 2011, p. 23).

Sendo o método um processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento, o conhecimento transmitido em cada

um deles [métodos] tem como objetivo a aprendizagem da leitura e da escrita. De forma fundamentada, João de Deus há mais de um século defendia que qualquer que seja o método que se use, este deverá explorar em simultâneo os sons que podem ser transcritos por uma determinada letra ou grafema, para que a criança consiga analisar a língua. Tal como o Método de Leitura João de Deus, são vários os métodos de iniciação à leitura e escrita. Apresentamos a seguir uma breve caracterização de alguns métodos marcantes no ensino da leitura e escrita.

O Método Sintético baseia-se no pressuposto de que a compreensão do sistema de escrita faz-se sintetizando, juntando as unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e a sua representação escrita. Sendo este um dos métodos mais antigos, parte da unidade para o todo, ou seja, da letra para a sílaba, e seguidamente da sílaba para a palavra. Em oposição ao Método Sintético surge o Método Analítico que concebe a leitura como um ato global e visual, parte das unidades maiores para as menores, do todo para as partes através da análise e decomposição.

O Método Analítico foi lançado por Nicolas Adam (1787) que afirma que a criança aprende a falar e deve aprender a ler e a escrever partindo do todo, decompondo-o em porções menores. Este método propõe que se escrevam palavras significativas para a criança e assim a criança será capaz de reconhecer as palavras rapidamente. Quando a criança se torna capaz de reconhecer um certo número de palavras, passa a escrever frases com elas e, no menor tempo possível, a criança consegue ler. Para Adam o sentido do texto tem mais importância que o som do texto e ler é mais importante que decifrar. A aprendizagem parte de palavras com sentido afetivo para a criança e, segundo ele, a análise da palavra deveria ocorrer numa etapa posterior ao domínio primordial

de palavras apreendidas globalmente. Ao contrário do Método Sintético em que a aprendizagem se iniciava primeiramente pelas letras do alfabeto, no Método Analítico iniciava-se pela palavra, frase ou texto.

Bem distinto é o Método Construtivista que permite que a própria criança construa os seus conhecimentos de acordo com seu desenvolvimento cognitivo. A criança adquire o saber a partir do conhecimento que traz para a escola. Assim sentir-se-á mais segura e será capaz de criar o seu próprio conhecimento tornando-se um aluno consciente e responsável. A união da língua falada, escrita e a leitura está presente num único processo. Este método baseia-se nas pesquisas de Jean Piaget sobre a construção do conhecimento. A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar, a criança antes de entrar na escola já possui alguns conhecimentos como, por exemplo, a linguagem verbal. Segundo Montserrat Fons, “Uno de los principios básicos del constructivismo es que cualquier conocimiento nuevo se basa en un conocimiento anterior (...) se puede interpretar el nuevo objeto de conocimiento com los significados que ya se poseen” (2001, p. 159).

O Método Construtivista consiste numa construção do conhecimento por parte do próprio aluno, através do imaginário e da fantasia de modo que consiga estruturar algo novo. Este método possui muitas vantagens, tal com o Método de Leitura João de Deus, incentiva a criança a expressar o que sente, a escrever e falar o que pensa, desperta a curiosidade e leva o aluno a procurar soluções para a resolução dos seus problemas, tornando-o um aluno crítico e capaz de responder pelo seu modo de agir. Assim, o Método de Leitura João de Deus estimula também o ato da leitura e da escrita, sendo este progressivo e gradual, pois, João de Deus não aceita o ensino da leitura pela ordem tradicional do alfabeto.

4.2 A ordem das letras na *Cartilha Maternal*

João de Deus atribuiu uma nova ordem às letras e esta mudança está relacionada, entre outros aspetos, à analogia de cada letra, à simplicidade, à forma exterior gráfica e ao seu valor interior fónico.

João de Deus inicia a *Cartilha Maternal* com as cinco vogais simples, segue com as consoantes simples e termina com as consoantes compostas. Segundo João de Deus, as consoantes simples são as consoantes que se representam graficamente por uma única letra e as compostas são aquelas que representam um único som por duas letras: <ch>, <nh>, <lh>. Consoantes certas são aquelas que têm um valor invariável e exclusivo, são incertas aquelas que têm dois ou mais valores.¹⁴

João de Deus inicia o alfabeto pelas vogais: <i>, <u>, <a>, <o>, <e>, “que ele mesmo chama poeticamente *a alma da escrita e da leitura*, segue com as consoantes simples e termina com as compostas” (Vasconcelos, 1976, p. 75). As vogais são os primeiros sons apresentados, uma vez que têm frequência mais alta do que as consoantes na língua portuguesa. As vogais são sons mais audíveis, só as vogais podem construir sílabas, ainda que em circunstâncias excecionais algumas consoantes o façam. As vogais são também sons que se pronunciam com maior facilidade, o som sai livremente, sem obstáculos.

Em seguida aparecem as consoantes certas. Apresentam-se em primeiro lugar as fricativas <v>, <f>, <j>, por serem mais fáceis de pronunciar. Estas consoantes são ensinadas antes das oclusivas <t>, <d>, , <p>, pelo facto de serem contínuas e não apresentarem oclusão na

¹⁴ Consoantes certas e incertas são designações usadas por João de Deus.

passagem do ar. Na passagem do <v> para o <f> é notável a diferença entre uma letra sonora e uma surda, é posta em evidência pelo contraste [v]/[f], aprendidos sucessivamente. A leitura destas é diferente, uma com a voz outra com o bafo, o que corresponde à vibração ou não vibração das cordas vocais, este fenómeno articulatorio pode corrigir a pronúncia muitas vezes incorreta. De seguida, aparecem as seguintes consoantes: <t>, <d>, , <p>. Estas letras correspondem a fonemas oclusivos em cuja produção intervém oclusão ou fechamento momentâneo da cavidade bucal. Depois das fricativas e das oclusivas já anteriormente mencionadas, a criança aprende a consoante lateral <l>. Segundo o autor, apresenta-se primeiro o [l] alveolar, aquele que se encontra no início de palavras ou entre vogais, e em segundo lugar o [ɫ] velar, aquele que se encontra em fim de sílaba ou de palavra. Esta relação pode ser aproveitada para sensibilizar a criança dos factos fonéticos, chamando a atenção para as duas variantes do mesmo fonema.

As três lições que se seguem, 10^a, 11^a e 12^a lições, partem igualmente da letra para o som e permitem ir introduzindo casos em que as vogais e ditongos orais <o>, <ou>, <ei>, <e> não correspondem ao som que lhes tinha sido atribuído na primeira lição. O <e> em final de palavra e depois de consoante ou entre duas consoantes, pode servir para se fazer ver à criança que determinados sinais ortográficos não têm correspondência sonora quando a palavra está integrada numa frase e é pronunciada a um ritmo de linguagem coloquial.

A separação das letras <c> e <ç> na 15^a lição e a letra <s> na 19^a lição justifica-se pelas suas diferentes pronúncias em dialetos portugueses. Também duas pronúncias correspondem à letra <r> (em princípio e em meio ou fim de palavras), e a diferença entre o <r> simples e o <r> múltiplo (<rr>) é posta em evidência através de exemplos

ordenados e abundantes. Finalmente, é ensinada a letra <x>, com som variável que não se pode determinar pelo contexto. Seguem-se as vogais nasais, representadas ortograficamente com um til sobreposto, primeiro isoladas, depois em ditongo e sucedem-se as consoantes nasais.

Em suma, João de Deus dispõe a cartilha da seguinte forma: inicia com as cinco vogais <i>, <u>, <a>, <o>, <e>; de seguida, apresenta as consoantes certas (que não mudam de valor), são elas as correspondentes aos sons fricativos, nomeadamente as letras <v>, <f>, <j>. Posteriormente, introduzem-se os sons oclusivos, correspondentes aos grafemas <t>, <d>, , <p>, <q>, e finalmente a lateral <l>. Seguem-se a esta as consoantes incertas, <c>, <g>, <r>, <z>, <s>, <x>, seguidas de <m>, <n>. Para o final da aprendizagem encontra-se a letra <h> em combinações com outros grafemas: <nh>, <lh> e <ch>. Podemos pois, concluir que o Método João de Deus desenvolve-se segundo um plano:

- I. Vogais: <u>, <i>, <o>, <a>, <e>
- II. Consoantes certas: <v>, <f>, <j>, <t>, <d>, , <p>, <l>, <q>
- Consoantes incertas: <c>, <g>, <r>, <z>, <s>, <x>, <m>, <n>
- Consoantes compostas certas: <nh>, <lh>
- Consoante composta incerta: <ch>
- Alfabeto maiúsculo

(João de Deus, 1877, p. 27)

Este plano é apresentado de forma adaptada à evolução da língua, não estando presente os grafemas <th>, <rh> e <ph> que fazem parte do plano de 1877. As letras são apresentadas na *Cartilha Maternal* correspondendo sempre o grafema ao seu respetivo som ou sons. Esta é uma característica deste Método de Leitura. Em seguida, enunciamos as principais linhas de força que o caracterizam.

4.3 Linhas que caracterizam o Método de Leitura João de Deus

No Método de Leitura João de Deus, as linhas de força que o caracterizam encontram-se no *Guia Prático da Cartilha Maternal* (1997, pp. 92-93), organizadas e apresentadas por Maria de Luz de Deus e Professor Doutor António Ponces de Carvalho, respetivamente neta e bisneto do poeta João de Deus.

Aqui serão referidas resumidamente as linhas de força que caracterizam o ensino da leitura pela *Cartilha Maternal*:

- a) João de Deus valorizou os aspetos visuais apresentando as palavras segmentadas por sílabas sendo destacadas pelas cores preto e cinzento. Desta forma, facilmente os alunos percebem a divisão das palavras em sílabas gráficas. O método João de Deus mantém a unidade gráfica e sonora das palavras sem apresentar as sílabas de forma isolada.
- b) A *Cartilha Maternal* apresenta coesão, sequência, rigor, e cada palavra transmitida amplia os conhecimentos linguísticos, semânticos e até morfológicos da língua portuguesa.
- c) A utilização do ponteiro, que se encontra sempre junto da *Cartilha Maternal*¹⁵, permite o educador/professor dar ritmo à leitura movimentando este objeto de madeira da esquerda

¹⁵ Ver anexo 10 e 11.

- para a direita e direcionar a atenção do aluno para a palavra/sílaba indicada.
- d) A apresentação de uma letra por dia de forma a constatar-se que o aluno identifica e conhece bem a letra que lhe foi introduzida é igualmente um pressuposto.
 - e) A lição exposta deve ser curta, com noções bem claras, permite questionar/rever todos os dias a lição anterior, para que os conhecimentos fiquem bem consolidados. A rotina facilita a aprendizagem e dá segurança ao aluno.
 - f) A lição é diária e apresentada em pequenos grupos, de três ou quatro elementos, que observando a cartilha, escutam a professora que menciona o nome da letra, o som, o ponto de articulação e a regra que irá permitir o aluno lê-la corretamente. Estas informações serão associadas ao conhecimento que o aluno já adquiriu nas lições precedentes.
 - g) Os alunos são sempre questionados individualmente respeitando-se o seu ritmo e a sua capacidade de resposta. O grupo poderá cooperar se o educador/professor o achar necessário. Pretende-se uma contribuição efetiva e eficaz.
 - h) As letras do alfabeto serão exibidas de forma criteriosa, seguindo a ordem alfabética da *Cartilha Maternal*. Inicia-se a aprendizagem com as vogais e passa-se, de seguida, às consoantes constrictivas e só depois às consoantes oclusivas.
 - i) A explicação por meio de regras que satisfaçam o raciocínio e o pensamento lógico do aluno facilitam uma leitura bem compreendida, que favorece também a ortografia.

A leitura torna-se assim um exercício mental de grande valor, e de uma forma lúdica o aluno acede ao código linguístico, refere Maria da Luz de Deus, neta do poeta João de Deus (1997, p. 21). Esta descoberta do papel dinâmico das letras, é sempre feita do mais simples para o mais complexo. O aluno lê e associa conhecimentos relacionando-os com outros já adquiridos anteriormente.

Como refere Maria Martins,

as estratégias podem ser simples ou complexas. As estratégias complexas são um conjunto de passos que são utilizados durante a realização de uma tarefa considerada mais difícil e ajudam o aluno na sua realização, como por exemplo, ler um texto ou fazer uma composição. O professor deve ter em mente que a finalidade da utilização de estratégias no ensino é levar o aluno à sua utilização com sucesso.

(Martins, 2009, p. 81).

A competência da leitura é adquirida por meio de um raciocínio lógico que se manifesta num processo de descodificação apresentado aqui em três modelos explicativos para a aprendizagem da leitura: o modelo ascendente *bottom-up* defendido por Gough (1974) que parte da microestrutura para a macroestrutura; o modelo descendente *top-down*, sustentado por Goodman (1976) que se processa da macroestrutura para a microestrutura, e é um processo inverso ao modelo ascendente. Por último o processamento em simultâneo ou alternadamente dos modelos *bottom-up* e *top-down*, o que resulta no modelo interativo defendido por Rumelhart (1977).

No modelo ascendente, ler é um processo linear hierarquizado, que vai de processos primários, juntar letras, a processos cognitivos de ordem superior, a produção de sentido. A leitura inicia-se em operações perceptivas e culmina em operações semânticas. As correspondências grafonológicas são as vias privilegiadas de acesso ao significado.

No modelo descendente ler consiste em construir significação a partir do texto, com o mínimo tempo e de esforço possível. O leitor utiliza conhecimentos sobre o tema e o contexto, fazendo antecipações. Ler é um jogo de adivinhas psicolinguísticas e a leitura é um processo de identificação direta de signos globais, de antecipações baseadas em predições léxico-semânticas e sintáticas, e de verificação de hipóteses. Esta ideia é defendida por Goodman (1980) e Smith (1978), mencionados por Isabel Ruivo (2009). Por sua vez, Gough defende a ideia de que o estudo do vocabulário é um elemento importante durante o processo de aprendizagem da leitura (Gough, 1974).

O modelo interacionista refere que o leitor utiliza simultaneamente, e em interação, capacidades de ordem superior e de ordem inferior, ascendentes e descendentes. Utiliza também sistemas paralelos de reconhecimento visual e auditivo, que são ativados consoante é necessário identificar palavras familiares e não familiares. É nesta perspetiva que o Método de Leitura João de Deus se insere, sendo um modelo interativo em que ler resulta da utilização de várias estratégias, ascendentes e descendentes, simultâneas e interativas.

A utilização destas estratégias de leitura, baseadas na unidade global da palavra, considera a palavra como a ferramenta linguística que permite o dinamismo verbal. O aluno é levado a entrar num jogo, do qual vai aprendendo regras e vai evoluindo de uma forma construtiva: “O processo inicia-se com a visão das letras, seguindo-se os sons

correspondentes, a leitura de palavras e a pronúncia destas com o significado próprio”, segundo expõe Isabel Ruivo (2009, p. 131). De uma forma lúdica o aluno insere os seus conhecimentos na aprendizagem, desenvolvendo o vocabulário e a construção frásica.

Henri Campagnolo refere que “embora não empregue o termo “fonema”, o método João de Deus está baseado numa descrição da língua de tipo fonológico, sendo a base fónica das palavras analisada em unidades que possuem características essenciais dos fonemas” (Campagnolo, 1979, p 53). Os alunos devem dominar as consoantes “certas” e só depois lhes são apresentadas as consoantes “incertas”, para que, desta forma, partam do mais simples para o complexo e consigam apreender de forma eficaz a aprendizagem da leitura.

Existem vários tipos de estratégias que o professor pode facilmente implementar e que, com certeza, ajudarão o aluno a realizar as tarefas com mais sucesso. As mais utilizadas, e que têm tido maior sucesso, são as mnemónicas, uma vez que podem ser aplicadas em diversas situações e têm como objetivo ajudar o aluno a resolver qualquer tipo de problema, quer na matemática quer na leitura.

O Método de Leitura João de Deus aplica a utilização de mnemónicas na formação dos nomes das consoantes para facilitar a memorização e a aprendizagem da leitura. De facto: “Sem memória não há conhecimento, no entanto, em língua, a memorização não se vale a si própria, o que contribui para a proficiência linguística é a sua aplicação, a prática, o seu uso” (Xavier, 2013, p. 148). Por isso, estimulamos as capacidades metacognitivas, no momento em que o aluno relaciona as palavras lidas com as suas vivências e contextualiza a palavra lida em frases. Na verdade, a palavra é compreendida e nunca decorada.

Face ao exposto, parece-nos adequado observar e analisar a *Cartilha Maternal*. Deste modo, apresentamos no próximo capítulo a relação entre a *Cartilha* e a aprendizagem de conteúdos gramaticais, bem como o modo como é possível ler e aprender gramática a partir do Método de Leitura João de Deus.

CAPÍTULO II

Metodologia e o desafio de aprender gramática

1. Metodologia

Considerámos pertinente escolher a metodologia qualitativa para a realização deste trabalho, tendo por objetivo dar resposta às seguintes questões: de que forma a *Cartilha Maternal* ajuda na aprendizagem de conteúdos gramaticais? Que atividades se podem proporcionar aos alunos para ensinar gramática? Como ensinar e motivar os alunos a aprenderem gramática? Será a base da *Cartilha Maternal* um bom método para a aquisição de gramática? Através desta metodologia é possível apresentar de forma objetiva os aspetos mais relevantes às questões colocadas.

Das técnicas mais adequadas para a realização deste trabalho selecionamos a observação participante e a análise documental. Poderíamos considerar a análise documental como uma técnica auxiliar de máxima relevância para obter as respostas que queremos dar, visto que sem elas não é possível justificar nem compreender a vantagem ou desvantagem deste Método de Leitura para o ensino da gramática. Como base de sustentação surge a observação participante, a partir da experiência como professora do 1º ciclo, no 1º ano de escolaridade.

2. O desafio de aprender

As crianças já sabem muito em idade pré-escolar e o contato com o mundo, meio ambiente onde estão inseridas transmite-lhes um conhecimento do qual elas não tomam consciência. Constatase que as crianças constroem e interiorizam a linguagem escrita mesmo antes da entrada para o 1º ciclo. Por isso, os alunos que frequentam os Jardins-Escolas João de Deus iniciam o processo de aprendizagem de leitura e escrita aos cinco anos. Segundo Margarida Martins “Desde muito cedo que as crianças convivem com a linguagem escrita e interagem com outras crianças e adultos a propósito dela, de modos mais ou menos formais” (1996, p. 105). Neste sentido, João de Deus Ramos pensava que aguardar por uma grande maturidade para aprender a ler é como esperar por ter músculos para começar a cultura física. É o exercício que contribui para o amadurecimento intelectual: “É necessário começar a adquirir as competências aos 4/5 anos e a aprendizagem da leitura é um bom ponto de partida” (Ramos citado por Carvalho, 2013, p. 21).

João de Deus Ramos considerava a aprendizagem da leitura e da escrita como o desenrolar natural da educação pré-escolar, que permite aceder à cultura. A luta iniciada pelo seu pai, João de Deus, em prol de uma reforma pedagógica infantil, fê-lo fundar em Portugal os Jardins-Escolas onde se aplicam princípios modernos de pedagogia, assentes no conceito de desenvolvimento integral da criança.

O Método de Leitura João de Deus, iniciação à aprendizagem da leitura e escrita, permite o desenvolvimento das estruturas mentais da criança. A *Cartilha Maternal* é o suporte físico pelo qual a criança

aprende o Método de Leitura João de Deus, e os resultados deste método são extraordinários.

João de Deus Ramos assegurava que nenhuma metodologia educativa poderá manter-se se não tiver um suporte de idealismo humano. O ideal de criar uma escola para todas as classes sociais, sem distinção, foi baseado no estudo das principais características do povo português. Almeida Garrett declarava “que nenhuma educação pode ser boa se não for eminentemente nacional”. Deste modo, o interesse de João de Deus Ramos pela educação das crianças de menos de seis anos, surge decorrente de aspetos de caráter social e pedagógico.

O sistema educativo, somente a partir de 1973, passou a contemplar a educação pré-escolar como parte integrante do sistema, como nos indica a Rede de Informação sobre Educação na Europa:

A Lei n.º 5/73, de 25 Julho, que aprovou a reforma do sistema educativo, passou a considerar a educação pré-escolar como parte integrante do sistema, definindo os seus objectivos e criando as Escolas de Educadores de Infância oficiais. Em 1978 foram criados os primeiros jardins-de-infância oficiais do Ministério da Educação, mas só em 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 6/1986, de 14 de Outubro), a educação pré-escolar foi enquadrada definitivamente no sistema educativo.

(Eurydice, 2010, p. 15)

Conforme a Associação de Jardins-Escolas João de Deus, não há dúvida que o aparecimento de centros educativos para crianças de menos de seis anos está ligado à revolução industrial, a um maior desenvolvimento do trabalho operário e do aproveitamento de mão de obra feminina. A igualdade de acesso à cultura serve de fundamento ideológico, pretendendo-se que os filhos de operários ou de camponeses incultos, muitas vezes analfabetos, tivessem a mesma oportunidade de instrução (AJJD, 1972, pp. 5-6).

Observando o panorama de leitura na Europa, de acordo com um estudo realizado em 2009/2010, pela Comissão Europeia, no âmbito do *Ensino da Leitura na Europa*, o resultado da análise de “Iniciativas para lidar com dificuldades de leitura: exemplos de boas práticas proporcionadas por peritos nacionais” releva que o Reino Unido é um exemplo de boas práticas e iniciativas no desenvolvimento da leitura: “Um modelo para intervenções distintas nos primeiros anos do ensino primário (dos 5 aos 7 anos) para todas as crianças, proporciona um ensino de alta qualidade na sala de aula, desenvolve competências orais e auditivas e a consciência fonológica, e utiliza um programa sistemático através do método fónico” (Eurydice, 2010, p. 175).

O panorama geral de iniciação à aprendizagem da leitura nos restantes países da Europa desencadeia-se aos 6 anos de idade e países como a Letónia, Lituânia, Polónia e Finlândia sustentam a educação pré-escolar até aos 6 anos e o ensino primário inicia-se aos 7 anos.

Os Jardins-Escolas João de Deus que têm valência de jardim-de-infância e primeiro ciclo do Ensino Básico recebem crianças a partir dos três anos de idade¹⁶ até ao quarto ano do Ensino Básico. A

¹⁶ Em rigor com três anos efetuados até 31 de dezembro do ano em curso.

partir de 2012 foi alargado o ensino até ao segundo ciclo¹⁷ do Ensino Básico, permitindo uma continuidade educativa. Foram definidos objetivos gerais em torno da formação e do desenvolvimento equilibrado das potencialidades das crianças, a realizar em estreita colaboração com a família.

A articulação entre o jardim-de-infância e o primeiro ciclo é fundamental para as nossas crianças, neste sentido, os jardins-escolas, na sua maioria, contemplam o pré-escolar e o primeiro ciclo. Havendo também Jardins-Escolas que contêm creche, e acolhem crianças a partir dos três meses, tendo assim valência de creche, pré-escolar e primeiro ciclo. Como refere Maria Nabuco, no pré-escolar a atenção é colocada no desenvolvimento emocional da criança através do jogo e das atividades criativas. Por outro lado, no ensino básico do primeiro ciclo, “o acento tónico é posto na aquisição de competências a nível da leitura, escrita, matemática e ciências” (1997, p. 32).

Comprovando a existência de problemas de articulação entre os dois sectores de ensino, em 1971, no Simpósio de Veneza, numa conferência de Ministros Europeus de Educação, e nos Simpósios de Versailles (1975) e Bournemouth (1977) foram definidas e dadas, a todos os estados membros do Conselho da Europa, as seguintes recomendações: “Organizar a escolaridade, nomeadamente, o último ano da educação pré-escolar e o primeiro ano do ensino primário com o máximo de flexibilidade”; “favorecer (...), a individualização de certos tipos de aquisições, adaptando e doseando as progressões de forma a evitar os atrasos e eliminar as repetências” (CCC, 1988, p. 24).

¹⁷ O 2º ciclo existe no Jardim-Escola do Entroncamento, no Jardim-Escola de Santarém e no Jardim-Escola de Lisboa-Estrela.

Defendemos a progressão dentro da mesma instituição se queremos ter ideias claras do que as crianças sabem e aprendem em cada fase deste percurso. Valorizamos o desenvolvimento social, ético, cognitivo e motor da criança. A relação professor/aluno e a relação entre os pares é essencial para uma aprendizagem construtiva baseada na partilha de conhecimentos. Privilegia-se a estreita relação entre o jardim-escola e as famílias, que acontece sempre que os encarregados de educação vêm à escola. A escola está sempre aberta a recebê-los, para esclarecer alguma dúvida, para dialogar formas de ajudar o aluno a superar dificuldades, para dar a conhecer os contínuos sucessos da aprendizagem do aluno, tendo, por vezes, que se adotar estratégias diferenciadas. Para além desta importantíssima comunicação entre professor/encarregado de educação, também foi criado o dia aberto aos pais para que possam assistir e conviver durante um dia com os seus filhos no ambiente escolar. Ainda é praticável, a participação dos encarregados de educação ao presentear uma turma com uma aula. Consegue-se, assim, um momento diferente e enriquecedor para as crianças, pais e professor, construindo-se, desta forma, uma escola aberta e inovadora.

O modelo dos Jardins-Escolas João de Deus, inspirado nos ideais republicanos, vai beber a sua origem ao trabalho de Friedrich Fröebel, Maria Montessori e Jean-Ovide Décroly, contemporâneos de João de Deus do fim do século XIX e início do século XX. O Método João de Deus foi inspirado em algumas ideias da Escola Nova¹⁸, estabelecendo

¹⁸ A Escola nova, também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX. Surgiu na Europa e América do Norte, chegou ao Brasil. Nesta corrente pedagógica, o aluno é o centro da aprendizagem.

um programa de desenvolvimento perceptivo e de estimulação do gosto de observar e de criar. Aquilo que caracteriza mais este modelo é uma aprendizagem da leitura entendida como estimulação, iniciação e exercício de capacidades que deve ser encetada na fase pré-escolar. João de Deus Ramos considerava a aprendizagem da leitura e da escrita como uma unidade, não devendo ser feita em escolas separadas. Consideramos que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser articulada com outros saberes, tais como a explicitação das regras da língua, tendo em vista o ensino da gramática.

3. O que é uma gramática?

Do ponto de vista formal, a gramática é um sistema combinatório discreto, um mecanismo finito, em número de elementos e processo de combinações dos mesmos, que formam um número infinito de expressões que resultam da combinação desses elementos.

A gramática tradicional surge na Alexandria (séc. II a.C.) e tinha como objetivo fixar um padrão ou modelo linguístico e prescrever normas reguladoras do bom uso, ou uso correto da língua. O ensino desta gramática pressupõe que apenas existe uma forma de falar e escrever corretamente, sendo concebida a gramática como “um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem-se expressar adequadamente” (Travaglia, 2001, p. 24). Percebemos que a gramática tem a função de auxiliar os falantes durante o processo de comunicação para que sejam capazes de comunicarem adequadamente.

Por outro lado, a gramática descritiva, que surge no século XX, opõe-se a esta conceção tradicional. A elaboração desta gramática,

assente na oralidade, não tem propósitos normativos, não utiliza os textos literários como fonte inicial de dados e envolve o recurso a informantes para a recolha de dados que comprovem um determinado estágio da língua.

Como refere Inês Duarte “aquilo a que chamamos o português, é o conhecimento estável atingido pelos falantes nativos que o adquirem espontaneamente como resultado do processo de interação entre o órgão da linguagem e os dados linguísticos a que são expostos desde que nascem” (2010, p. 19). Desta forma, verificamos que cada criança e cada um de nós reproduzem a sua língua da forma que a interiorizaram, na maioria das vezes não “pensando” em regras. Cada um recebe a língua segundo a localidade geográfica e o meio social em que se insere, por isso existem diferenças. Há necessidade de, em conformidade, delimitar a forma como se fala e como se escreve.

O processo de desenvolvimento da linguagem é o “motor” desse desenvolvimento que é uma capacidade humana, de, naturalmente, se apropriar do sistema linguístico. Por sua vez [segundo Inês Sim-Sim (1998, p. 246)], a consciência linguística é um processo de reflexão que possibilita a explicitação do conhecimento que já se possui sobre a língua.

Segue-se uma reflexão sobre o ensino da gramática, terminologia usada nas Metas Curriculares do Português do Ensino Básico, de agosto de 2012, que substitui a terminologia de Conhecimento Explícito da Língua, usada no Programa de Português do Ensino Básico (2009).

Neste âmbito, as Metas Curriculares de Português mencionam:

No domínio da Gramática, pretende-se que o aluno adquira e desenvolva a capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais da nossa língua, de modo a fazer um uso sustentado do português padrão nas diversas situações da Oralidade, da Leitura e da Escrita. O ensino dos conteúdos gramaticais deve ser realizado em estreita sintonia com atividades inerentes à consecução dos objetivos dos restantes domínios.

(Buescu *et al.*, 2012, p. 6)

As autoras das Metas Curriculares chamam a atenção para o facto da gramática ser a designação internacionalmente conhecida do estudo dos factos e das estruturas linguísticas, comumente utilizada por alunos, pais e professores. A expressão “Conhecimento Explícito da Língua” é muitas vezes substituída pelo seu acrónimo (CEL), perdendo-se a essência do valor semântico da designação. Deste modo, com o uso do termo Gramática, pretende-se o reforço e a clarificação do estudo dos factos da língua e das normas que os regem.

Com objetivo de atingir estas metas, será apresentada aqui uma prática pedagógica apoiada em atividades adequadas à idade das crianças e tendo em conta os seus conhecimentos. As atividades são conduzidas de forma a atingir uma aprendizagem significativa e irem ao encontro do Programa de Português do Ensino Básico (2009) e também às Metas Curriculares do Português do Ensino Básico (2012).

4. A Gramática e a Cartilha

4.1 Lições da *Cartilha Maternal*

Para explicitar de forma adequada a aquisição dos conteúdos gramaticais a partir da *Cartilha Maternal*, analisamos algumas lições que achamos pertinentes na temática deste trabalho. Apresentamos, aqui, as regras de algumas lições, conforme a última edição de janeiro de 2009¹⁹, vocábulos usados e atividades práticas direcionadas na aquisição do conhecimento de gramática.

Defendemos que “o estudo da gramática faz muita falta, porque ajuda a ler e a escrever melhor. Há, de facto, vários estudos que apontam para correlações positivas entre consciência linguística e hábitos de reflexão sobre a língua, por um lado, e desempenhos na leitura, na escrita e na oralidade, por outro” (Costa *et al.*, 2011, p. 16).

À semelhança da primeira edição, de 1876, que continha 743 vocábulos, a *Cartilha Maternal* atual é composta por um conjunto de 25 lições e 705 vocábulos, sem contar com o texto da 17ª lição. A edição inicial era auxiliada em cada lição de explicações para os professores, para que não houvesse dúvidas na exploração de cada lição e na apresentação das regras a mencionar. Como referimos atrás, atualmente existe um guia autónomo e intitula-se *Guia Prático da Cartilha Maternal* (1997), da autoria de Maria da Luz de Deus, neta de João de Deus, com a colaboração do linguista francês Henri Campagnolo.

À medida que o professor vai transmitindo a informação em cada aula, sobre um determinado fonema ou letra, proporciona tarefas criativas e diversificadas, em que o aluno é o centro de todo este processo.

¹⁹ Ver anexo 12.

Apresentamos algumas propostas de atividades em que é possível ver que existe uma articulação entre a leitura, escrita e a aprendizagem da gramática. Queremos desde cedo proporcionar aos alunos, situações de conhecimento suportadas por práticas adequadas ao desenvolvimento cognitivo, tal como Maria Costa (1999, p. 101) indica

o ensino da gramática é orientado pelo objectivo de fazer adquirir aos alunos um conhecimento explícito sobre o modo de funcionamento do sistema linguístico, isto é, de tomar o conhecimento linguístico tácito e inerente num conhecimento consciente, acessível, explicitável; trabalha-se não para formar pequenos linguistas ou gramáticos, mas no sentido de proporcionar aos sujeitos em aprendizagem condições intelectuais suportadas por instrumentos adequados ao desenvolvimento da capacidade de pensar metalinguisticamente.

Em cada uma das lições aqui expostas, apresentamos uma introdução sumária explicitando a forma como se apresenta cada letra ao aluno e como o aluno a aprende a ler. Entendemos não incidir prioritariamente este trabalho sobre o ensino da leitura, embora seja indispensável referi-lo. Por sua vez, centrar-nos-emos em como aprender conteúdos gramaticais em simultâneo com a aprendizagem da leitura e escrita através do Método de Leitura João de Deus.

Vários são os trabalhos existentes sobre este método enquanto Método de Leitura, Ana Mira (1995), Cátia Oliveira (1998), Fernanda Viana (2002), Isabel Ruivo (2009). Por outro lado, não há estudos sobre a gramática na *Cartilha Maternal*, a aprendizagem de gramática em

simultâneo com a aprendizagem da leitura e escrita, e as estruturas linguísticas que podem ser trabalhadas com os alunos. Podemos referir apenas a tese de doutoramento de Isabel Ruivo (2009) que apresenta *Um Novo Olhar Sobre o Método de Leitura João de Deus* e aborda o Método de Leitura e suas características. Trata-se de um estudo linguístico em torno do léxico utilizado na *Cartilha Maternal* e modificações que esta sofreu desde a primeira edição até à edição de 2004, apresentando sugestões de alterações futuras em termos de vocábulos.

A primeira lição da *Cartilha Maternal* tem como objetivo primordial dar a noção de letra, por isso, são apresentadas graficamente as cinco vogais que são anunciadas da seguinte forma: <i>, <u>, <a>, <o>, <e>. Esta ordem surge porque como a leitura é acompanhada pela escrita, as letras <i> e <u> afiguram-se mais acessíveis para o aluno as desenhar. Na segunda lição é introduzida a letra <v> e surge o acento agudo na palavra *vá*.

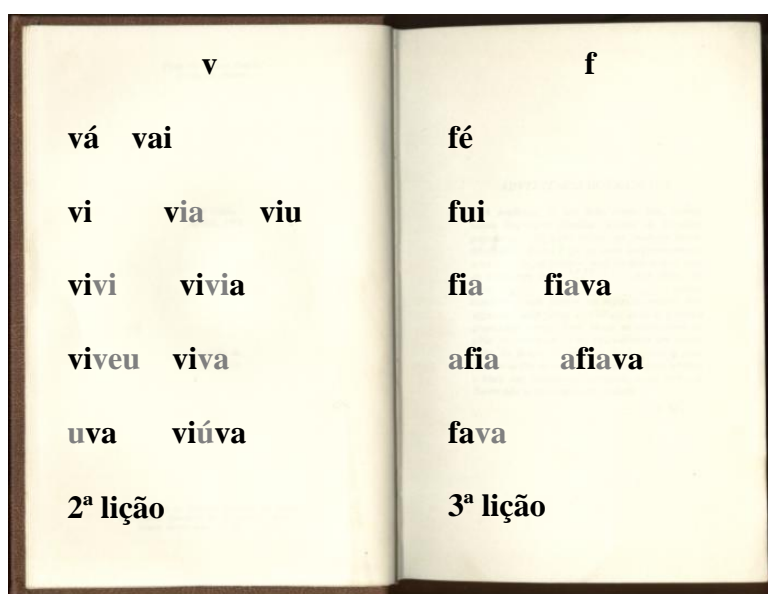


Figura 1 – A segunda e terceira lições

Como realça Isabel Falé, “O acento destaca a sílaba mais proeminente numa palavra. O português europeu é considerado uma língua de acento livre, uma vez que o acento de palavras pode incidir em três posições silábicas diferentes” (Falé *et al.*, 2011, p. 57).

Na terceira lição, dá-se a noção de sílaba na palavra *fiava*, afirmando-se que uma sílaba é um conjunto de letras da mesma cor (ou uma letra apenas), que se leem de uma só vez. Assim afirma João Ramos: “Depois advertimos que no nosso methodo as letras da mesma syllaba veem da mesma côr. Cada côr, cada syllaba. De forma que para contar as syllabas escusa de saber ler, basta ver” (1901, p. 13).

O aluno com facilidade identifica qual é o número de sílabas que tem cada uma das palavras. A questão colocada pelo professor é: - Quantas sílabas tem a palavra *fava*?/O aluno responde “duas”. Se não o fizer ser-lhe-á colocada a questão: Quantas cores consegues ver na palavra *fava*? Deste modo, o aluno conseguirá perceber que as cores, também o ajudam a identificar a sílaba de cada palavra. Todas as lições mantêm a mesma estrutura quanto à identificação de sílaba do início ao fim da *Cartilha Maternal*.

No Dicionário Terminológico (2009) a sílaba é a unidade estruturada e organizada que agrupa os sons dentro da palavra. Pode incluir um ou mais sons, como nas sílabas da palavra *a-pro-vei-tar*. Dentro da sílaba, os sons podem ocorrer no ataque da sílaba (consoante(s) à esquerda da vogal), no núcleo da sílaba (vogal ou ditongo) ou na coda da sílaba (consoante à direita da vogal). O núcleo e a coda constituem a rima da sílaba.

Perante as palavras lidas, o professor pede sempre ao aluno que diga uma frase em que utilize a palavra lida. Desta forma, o aluno está a desenvolver a consciência sintática e lexical ao contextualizar a palavra,

e o professor verifica se realmente o aluno compreende o significado do que lê. Se o aluno não conhece o significado da palavra, o professor auxilia e pede para escrever no caderno ou no quadro a palavra lida e até mesmo uma frase. Após a leitura poderá ser feito um jogo de associação de palavras a imagens, utilizamos cartões com as imagens e cartões com as palavras e/ou sílabas que formam palavras, para o aluno associar corretamente o que leu ao seu significado.

Vejamos agora a sétima lição (figura 2) em que é introduzida a letra :

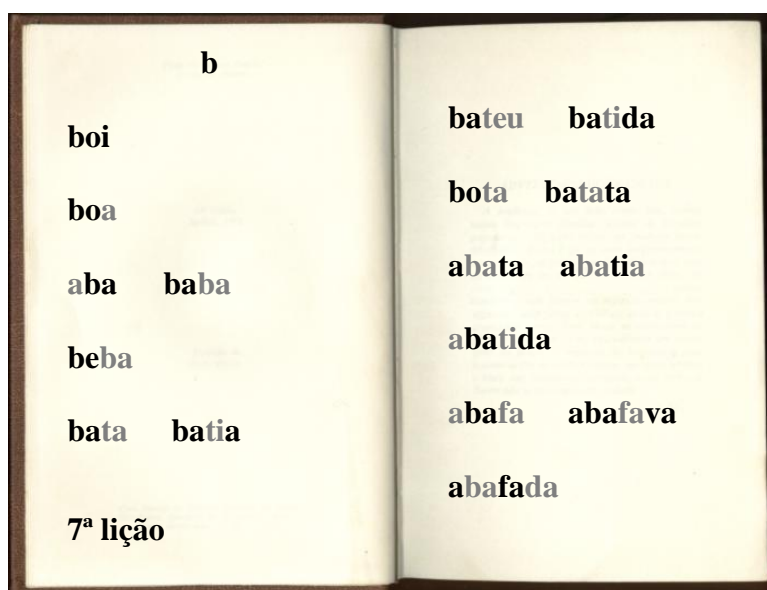


Figura 2 – A sétima lição

Na palavra *bateu*, temos de informar o aluno que estamos perante uma palavra em que a última sílaba é forte porque termina na letra <-u>. A noção de sílaba foi dada na terceira lição e é recordada nas lições anteriores à sétima lição. Aqui o aluno já consegue estruturar

frases simples e escrevê-las ou até completá-las. Vejamos exemplos: “*O dado é teu.*”/ “*A bota é tua.*”/ “*A tia atava a fita.*”

É de salientar que o aluno apenas escreve o que sabe ler e escreve apenas as letras que aprendeu até à lição em que está. Se está na sétima aprendeu as letras <i>, <u>, <a>, <o>, <e>, <v>, <f>, <j>, <t>, <d> e .

Na nona lição (figura 3) apresentamos a letra <l>:

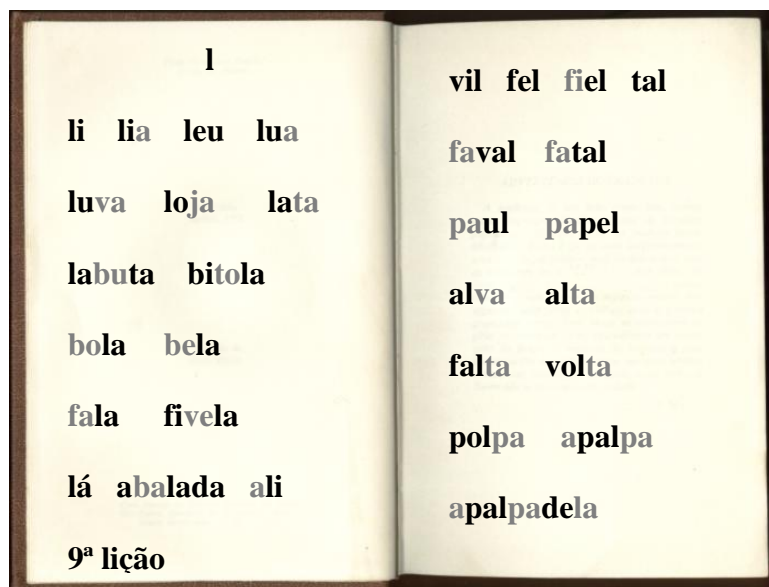


Figura 3 – A nona lição

Nesta lição, são lembradas as regras que se vão repetindo de forma a ler com conhecimento de causa. À semelhança do que aconteceu na palavra *bateu* na sétima lição, acrescentamos a informação de que quando a palavra acaba em <-u> e em <-i> ou em letra consoante (<-l>, <-r>, <-z>, ou <-is>, <-us>, <-im>, <-um>), lê-se a penúltima sílaba como se estivesse no fim da palavra. Isto porque a última sílaba é a sílaba

tónica e a penúltima sílaba é a sílaba átona. Constata-se que estas palavras têm forte a última sílaba. Segundo Isabel Ruivo “Com todas estas informações o aluno está apto a ler qualquer palavra da lição. Devemos fazer a leitura preparatória para relembrar regras e letras aprendidas e pedir que o aluno contextualize sempre a palavra lida, num diálogo vivo e dinâmico” (2009, p. 162).

Na verdade, é com êxito que o aluno lê, compreende e a aplicação de exercícios diversificados irão ajudá-lo. Reconhecemos que não é, apenas, a leitura que o aluno interiorizou mas também as regras lhe permitem escrever corretamente e compreender.

Na 11ª lição (figura 4) apresentamos o ditongo <-ou> em fim de palavra.

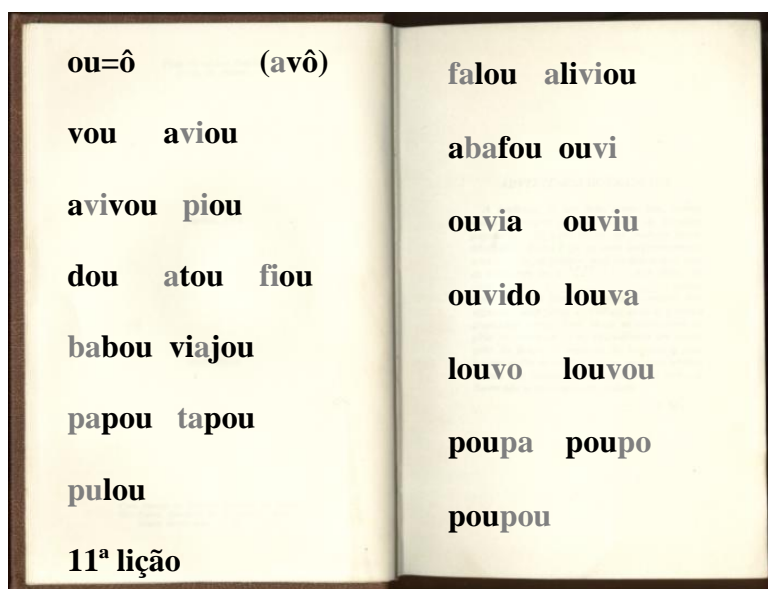


Figura 4 – A 11ª lição

O aluno depara-se com um novo acento, o acento circunflexo, na palavra *avô* (figura 4). O acento circunflexo assinala a vogal da sílaba tónica e “indica que a vogal é média, isto é, pronunciada sem abaixamento ou elevação do dorso da língua” (DT, 2009).

De acordo com as Metas Curriculares do Português do Ensino Básico, no domínio Leitura e Escrita para o 2º ano, o aluno deve “mobilizar o conhecimento da pontuação; identificar e utilizar os acentos (agudo, grave e circunflexo) e o til” (Buescu *et al.*, 2012, p. 17). A partir da *Cartilha Maternal*, constatamos que podemos fazê-lo desde o 1º ano, a partir do momento em que o aluno inicia a aprendizagem da leitura e escrita.

Na 13ª lição (figura 5) apresentamos a vogal <-e> em fim de palavra.



Figura 5 – A 13ª lição

A 13ª lição da *Cartilha Maternal* é a lição mais importante da *Cartilha*. O aluno vai aprender exatamente a identificar a sílaba tónica de uma palavra e vai aprender a ler as vogais tónicas e átonas através de uma regra a que chamamos “regra da sílaba forte”.

Monteiro Lobato, na obra *Emília no País da Gramática*, compara a sílaba tónica de cada palavra como uma “Sílaba mais emproada e importante” que as outras pelo facto de possuir acentuação gráfica, embora nem sempre a sílaba tónica use um acento.

— Isso mesmo — repetiu Quindim. — E reparem que em cada palavra há uma Sílabas mais emproada e importante que as outras pelo fato de ser a depositária do ACENTO TÔNICO. Essa Sílabas chama-se a TÔNICA.

(Lobato, s/d, Capítulo I),

Através do diálogo, o aluno descobre e toma consciência de que todas as palavras têm uma sílaba que se ouve com mais força, a que chamamos sílaba forte, sendo as restantes sílabas fracas, ou seja, átonas. A sílaba tónica, por vezes, é a última, outras vezes a penúltima e pode ser ainda a antepenúltima.

Na décima terceira lição da *Cartilha* (figura 5), o lado esquerdo apresenta palavras que, relativamente à posição da sílaba acentuada, se classificam como palavras graves, em que a sílaba tónica reside na penúltima sílaba. A página à direita inicia-se com seis palavras, também elas graves quanto à posição da sílaba acentuada. As restantes palavras são agudas. Deste modo, o aluno deve: ter a noção clara de última, penúltima e antepenúltima sílabas; identificar o acento gráfico (agudo ou

circunflexo) se a palavra o tiver; reconhecer as vogais <-i>, <-u> ou consoante <-l>, <-r>, <-z> ou <-is>, <-us>, <-im>, <-um> no fim de palavra como sinal de que a última sílaba é forte (existem exceções, quando há a existência de consoante no fim de palavra como marca de sílaba forte, que nesta fase inicial de aprendizagem não serão contempladas); reconhecer a ausência das “marcas” anteriormente referidas como indício de uma palavra grave, com sílaba tónica na penúltima sílaba. Como podemos ver nas Metas Curriculares do Português do Ensino Básico, no domínio da Gramática para o 3º ano de escolaridade, os alunos devem: “1. Explicitar aspetos fundamentais da fonologia do português; 2. Classificar palavras quanto ao número de sílabas; e distinguir sílaba tónica da átona; 3. Classificar palavras quanto à posição da sílaba tónica” (Buescu *et al.*, 2012, p. 25).

Defendemos que é possível os alunos do 1º ano classificarem palavras quanto ao número de sílabas e distinguirem sílaba tónica de átona, porque o Método de Leitura João de Deus aplica estes conteúdos para facilitar a leitura e escrita. Deste modo, o aluno aprende a ler com facilidade e toma consciência da noção de sílaba e da respetiva sílaba tónica. Ter a noção de sílaba é fundamental para uma boa articulação da linguagem.

O aluno aprende a fórmula que lhe facilita o ato de ler e de escrever. A escrita solidifica a representação mental das sílabas e das palavras, ao longo do processo de aprendizagem, quer durante a fase dominada pela descodificação, quer na da formação de representações ortográficas lexicais. Cunha & Cintra (1984, p. 53) apresentam uma definição que assenta na perceção dos falantes, na organização da sílaba em torno de uma vogal: “Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a

palavra em pequenos segmentos fónicos que serão tantos quantas forem as vogais”. A noção de sílaba e a sua identificação é uma base essencial para se compreender muitas noções, desde a acentuação das palavras à sintaxe.

Em relação à metalinguagem sobre a classificação de palavras, quanto à acentuação esdrúxula, grave e aguda, só deverá ser referida ao aluno se se achar oportuno. O aluno tem de saber identificar a sílaba tónica e sílaba átona numa palavra, mas classificá-la quanto à posição da sílaba acentuada (esdrúxula, grave e aguda), é um objetivo a atingir apenas após a 24ª lição. A 24ª lição intitula-se “Palavras esdrúxulas” e dá uma informação clara sobre as palavras esdrúxulas. Esta lição será referida mais à frente neste trabalho.

Na 17ª lição (figura 6) apresenta-se um texto ao qual chamamos lição do Pedro.

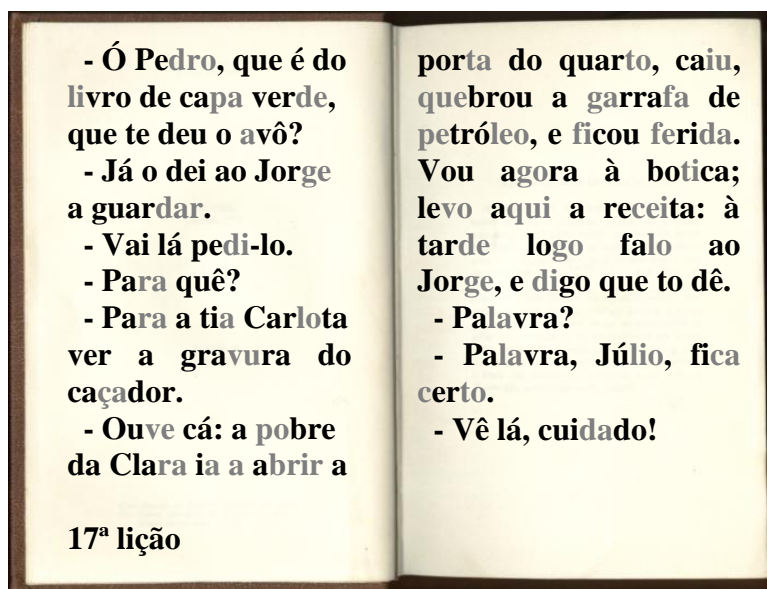


Figura 6 – A 17ª lição

Esta lição baseia-se num pequeno texto com uma estrutura de diálogo entre duas personagens, o Pedro e o Júlio. Deste modo, o texto apresenta os sinais auxiliares de escrita que traduzem o diálogo estabelecido, como o travessão, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação. Tendo sido escrito em 1876, este trecho manifesta um universo afastado da realidade dos alunos atuais, como se pode constatar pelo léxico usado. No entanto, costumamos ter isso em atenção e quando apresentamos esta lição ao aluno, podemos pedir-lhe para ler apenas parte da lição ou modificámo-la substituindo vocábulos, de acordo com um contexto mais próximo das suas vivências.

Nas Metas Curriculares de Português do Ensino Básico refere-se, nos domínios Leitura e Escrita para o 1º ano, a necessidade de mobilizar o conhecimento da pontuação por parte do aluno. Este tem de identificar e utilizar adequadamente os seguintes sinais de pontuação: ponto final e ponto de interrogação (Buescu *et al.*, 2012, p. 10). Neste sentido, apresentamos ao aluno uma história, em que é necessária a interpretação e compreensão do discurso, tal como a identificação de sinais de pontuação que têm regras para “funcionarem” no discurso e o tornarem compreensível, transpondo para a escrita marcas de oralidade.

Para Mário Vilela, não é possível

compor e interpretar textos escritos sem noções de pontuação, das regularidades ou irregularidades flexionais e derivacionais, das grandes linhas da sintaxe e das coerências textuais decorrentes da gramática. Um texto falado ou escrito para ser compreendido tem de se apresentar com uma estrutura gramatical: a frase projecta-se no texto e o texto é, em grande parte, composto por frases.

(Vilela, 1993, p. 144)

A interpretação dos textos escritos é eficaz desde que os alunos compreendam o papel dos sinais de pontuação, que lhes é explicada. Para que assimilem este “subsistema que visa representar na escrita certas características prosódicas da oralidade e fornecer indicações sobre a estrutura sintática dos enunciados” (Falé *et al.*, 2011, p. 314) designada como pontuação, proporcionamos o contato com textos escritos ou orais diariamente. Estes textos encontram-se nos livros que a escola tem ou nos livros que os alunos trazem de casa para partilhar com os colegas. “Quando se lê regularmente para as crianças desde muito cedo, (...) começam a demonstrar um crescente prazer na experiência. Seu nível de atenção aumenta e elas começam a pedir que as histórias sejam lidas [...] As crianças vêem os livros como uma fonte de satisfação pessoal que não se encontra de outra maneira” (Alliende & Condemarín, 2005, p. 43).

É prática frequente o professor ler textos, histórias, fazendo a entoação necessária para o aluno compreender a importância “daqueles sinais que aparecem em toda a parte”. Um exercício interessante e necessário, por vezes, é ler uma história sem pontuação e questionar o aluno se compreendeu, se foi bem lida. De imediato ele refere que não percebeu e que foi lida “muito depressa”, ou seja, sem pausas. Quando o aluno lê com alguma fluência, é fundamental ser chamado à atenção para as pausas na leitura, sempre que surge uma vírgula e/ou desenvolver uma entoação que se aprende com a prática de ler.

Para concluir uma amostra das lições, apresentamos a 24^a lição (figura 7) que contém apenas palavras esdrúxulas. Nesta etapa, o aluno deve saber dizer as regras de acentuação, identificar a sílaba tónica de cada uma das palavras e classificar corretamente as palavras quanto à acentuação (esdrúxula, grave ou aguda). Como sabemos o uso da língua

pressupõe um sistema de regras. Desta forma, o reconhecimento de regras permite clarificar e explicitar os conhecimentos linguísticos.

Vejamos a lição das palavras esdrúxulas:

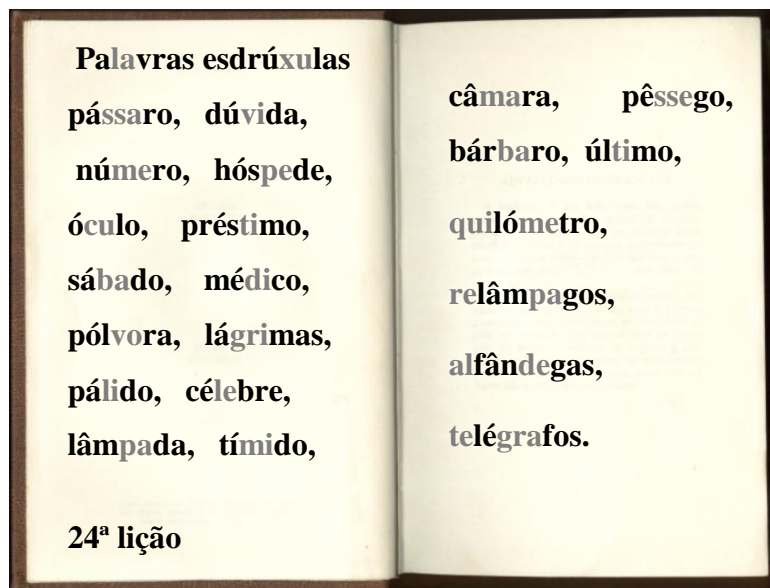


Figura 7 – A 24ª lição

Para terminar, João de Deus apresenta-nos o alfabeto português, que contém as letras <k>, <y> e <w>, e põe a par o alfabeto maiúsculo e o minúsculo, comparando a diferença de forma das letras.

Finalizada a leitura da *Cartilha Maternal* o aluno está apto a ler, e todo o Método de Leitura João de Deus se mostra útil.

Henri Campagnolo afirma

o método de ensino deve fazer beneficiar o aprendiz das mais sólidas e confirmadas investigações da linguística moderna, a todos os níveis do funcionamento da língua. Só então poderá o aprendiz aproveitar as experiências das gerações anteriores e dispor do tempo assim poupado para participar em novas descobertas.

(Campagnolo, 1975, p. 75)

Todo o desafio de ensino do Método de Leitura João de Deus, necessita de empenho e dedicação por parte de quem o ensina, tal como motivação e uma boa relação afetiva entre professor e aluno. Estes preceitos serão um grande passo, para o aluno, no sucesso de aprendizagens hoje, amanhã e no seu percurso de vida, porque este foi e é o objetivo de quem ensina e dá a conhecer a *Cartilha Maternal*. Simultaneamente, o aluno aprende a ler e aprende conteúdos gramaticais, e adquire um variado léxico.

4.2 Léxico

Como pudemos ver, João de Deus no Método de Leitura que concebeu, parte de estruturas simples para outras mais complexas que contêm as primeiras, e, para tal, escolheu ordenadamente palavras de uso comum para cada lição. Vejamos alguns exemplos: *uva, fava, fatia, dia, data, bota, pé, pata, luva, loja, ovo, mãos, cabeça, coração, chá, cebola, pão, pato, atum, cantar, tocar, chuva, luz, telhado, colchão, carvão, terra, ar, tosse, sono*. Estes nomes e verbos fazem parte do vocabulário diário do aluno e o aluno ao lê-los, identifica-se com eles, conhece-os.

Isabel Ruivo (2009) fez uma análise sobre os vocábulos da *Cartilha Maternal*, tentando enquadrá-los em temas de interesse e estabeleceu a comparação entre os Temas de Interesse da *Cartilha Maternal* (2004) e os Centros de Interesse do Português Fundamental²⁰ (1984). Segundo João Casteleiro (1984), citado por Isabel Ruivo (2009, p. 245), o Português Fundamental define-se “como uma selecção do vocabulário e da gramática, assente em bases científicas e efectuada com objectivos pedagógicos-didáticos [...] estabelecido de acordo com critérios de frequência de emprego, segundo princípios de estatística lexical, a partir de amostragens do português europeu falado contemporâneo”.

Nas 25 lições da *Cartilha Maternal*, dos 705 vocábulos apresentados, Isabel Ruivo (2009) constatou que se distribuem em 24 Temas de Interesse dos 27 Centros de Interesse do Português

²⁰ O Português Fundamental foi um projeto datado de 1984, que foi concebido como um instrumento de trabalho para o ensino do Português na primeira fase de aprendizagem, compreende um vocabulário de 2217 palavras e uma gramática de base.

Fundamental. Os quadros expõem os temas mais representados na *Cartilha Maternal*, de acordo com Isabel Ruivo (2009):

Parentesco Família	Religião	Divertimentos e Passatempos	A vida sentimental
avô	anjo	balão	alegrar
filhos	crucifixo	brincar	amar
homem	cruz	jogar	amigas
irmãos	fé	ler	beijo
mães	jejum	pular	culpa
manos	judeu	valsa	fatal
meninos	judia		herói
moças	louvar		honra
pai	rogar		humilde
rapaz			ira
sogros			paz
tia			raiva
viúva			recordar
viúvo			vazia

Plantas Árvores e Flores	Cozinhas e Objetos que vão à mesa (vocábulos relacionados)	Vestuário	Estabelecimentos de ensino
acelga	bacia	aba	afia
cabaça	bule	atar	chumbo
cepo	garfo	bata	colégio
flor	garrafa	bota	giz
hera	jarro	calçar	lições
lenha	prato	fatiota	listas
pau	tijela	fato	pastas
pinhão		fita	saber
rosa		fivela	
silva		jaqueta	
vara		leque	
		luva	
		vestes	

Quadro 1 e 2 – Temas apresentados na *Cartilha Maternal* de acordo com os Centros de Interesse do Português Fundamental

Vejamos, agora, outros centros de interesse do Português Fundamental:

Tempo climatérico	Casa (vocabulário inerente)	Aldeia e trabalhos do campo	Saúde e doença
alva	acesa	abalar	abatida
cedo	cama	aço	azia
chuva	casa	ar	boa
data	chão	azinha	chorar
dia	colchão	bafo	doer
geada	corda	bafo	dormir
hoje	dedal	baldio	emagrecer
hora	espelhos	bofe	exercer
junho	fronha	caco	existir
luz	guita	cal	fumar
manhã	limpar	carvão	gordos
relâmpagos	linha	chafariz	gritar
sábado	luz	cisco	labuta
segundo	pá	faval	pálido
serão	pia	favo	receio
sexta	pó	ferro	rir
verão	pote	fiar	sisudos
vezes	regador	foice	sono
	telhado	lodo	temer
	toldo	lua	tosse
	varrer	paul	tremer
		pavio	viver
		pipa	xarope
		pua	
		raio	
		seixos	
		terra	
		vinha	

Quadro 3 – Temas apresentados na *Cartilha Maternal* de acordo com os Centros de Interesse do Português Fundamental

Expomos mais centros de interesse do Português Fundamental:

Corpo Humano	Refeições Alimentos e Bebidas		Profissões e Ofícios
beijo	açorda	fofo	harpa
buço	alface	grão/grãos	dó
cabeça	alho	guisados	tocar
calvo	arroz	lata	ferrar
cara	assar	limões	caçar
cegar	azeite	maças	afiar
coração	batata	ovo	cantar
corar	beber	pão	cerrar
face/faces	bife	papar	carregar
goela	bule	papava	afinação
joelhos	caldo	pelar	médico
lágrimas	carne	pêssego	
mãos	cebola	pinhão	
olho	ceia	polpa	
orelhas	chá	romãs	
ouvido	comer	salsa	
ouvir	fatia	uva	
pé	fava		
pele	feijão		
pernas			
pulso			
sexo			
soar			
unha			
ver			
voz			

Quadro 4 – Temas apresentados na *Cartilha Maternal* de acordo com os Centros de Interesse do Português Fundamental

Por último, mais um quadro com os centros de interesse do Português Fundamental:

Animais (vocabulário inerente)			
atum	chita	lã	pita
ave	chocalho	ninho	pulga
bode	crina	ovelhas	rã
boi/bois	égua	pássaro	rações
burro	fera/feroz	pata	ratar
caça	galgo	pato	rato/ratões
cachorro	galo	pavões	roer
cão/cães	gralha	piar	teia
caracol	grunhir	picar	zebra

Quadro 5 – Temas apresentados na *Cartilha Maternal* de acordo com os Centros de Interesse do Português Fundamental

Do exposto, constatamos que os Centros de Interesse menos representados na *Cartilha Maternal*, que não estão expressos nos quadros anteriores, são Correio, Desporto, Higiene Pessoal, Casas Comerciais, Meios de Comunicação, Meios de Transporte, Viagens, Cidade e Divertimentos e Passatempos que surge no quadro 1. Esta representação revela claramente que “os centros de interesse [menos representados na *Cartilha Maternal*] reportam a uma realidade mais recente [1984] e não tão presente, nem importante na sociedade do século XIX” (Ruivo, 2009, p. 252). Por isso os Centros de Interesse menos representados na *Cartilha Maternal* eram temas pouco valorizados na altura em que foi escrita.

João de Deus viveu no remate do século XIX, demonstrou que conhecia na perfeição a sua língua e a forma de a articular, assim como o contexto sociocultural onde desejava intervir. A escolha dos vocábulos e a sua variedade na *Cartilha Maternal* são reflexo disso.

Henri Campagnolo afirmou que

Sem modificar o tipo de progressão do método João de Deus, é possível atualizar os exemplos de modo a adaptá-los à natural evolução do vocabulário e do contexto sociocultural português, aproveitando para esse efeito os recentes progressos dos estudos etnolinguísticos

(Campagnolo, 1977, p. 73)

Em 1876, João de Deus usou léxico usual do seu tempo. Exemplo disso são as palavras *papalvo*²¹ na décima lição e a palavra *sege*²², na décima nona lição. Sendo hoje mínima a sua utilização, revelam um vocabulário cuidado e ao mesmo tempo usual daquele tempo. As palavras escolhidas pretendiam enriquecer o vocabulário do aluno. Ora sabemos que vocabulário variado alarga o léxico mental e melhora a compreensão de textos.

Fernanda Viana reforça a ideia de que João de Deus teve “a preocupação de escolher palavras pertencentes ao vocabulário corrente da época” (Viana, 2002, p. 117). Assim, um aspecto extremamente importante na progressão do Método de Leitura João de Deus refere-se

²¹ Sinónimo de simplório; pateta.

²² Refere-se a uma carruagem antiga, com duas rodas e um só assento.

“implicitamente a um critério estatístico, isto é, à constituição duma amostra de palavras mais frequentes, a fim de fundamentar o sistema fonológico correspondente ao código escrito ensinado” (Campagnolo, 1979, p. 61).

Ao longo destes 137 anos de existência, a *Cartilha Maternal* foi sendo alterada a nível lexical e de ortografia, mantendo-se atual. Na primeira edição, em 1876, o número total de vocábulos era de 743 e atualmente consta de 705 vocábulos. Observando a antepenúltima edição e a penúltima edição da *Cartilha Maternal* (2004), constata-se que foi alterada ao nível semântico: apenas os vocábulos *sezão* foi substituído por *balão* e *regedor* por *regador*. Analisámos da edição de 2004 até à edição de 2009, e as alterações foram raras, apenas na décima sexta lição, o vocábulo *gebo* passa a ser *gelo* e somente mais três vocábulos: *exato*, *ação* e *leem*, foram modificados em consonância com o Acordo Ortográfico de 1990. Observemos, de seguida, as categorias a que pertencem os vocábulos da *Cartilha Maternal*.

4.3 Classes de Palavras

Segundo o Dicionário Terminológico (2009) entende-se por classes de palavras o conjunto de palavras que, por partilharem características morfológicas, sintáticas e/ou semânticas, podem ser agrupadas numa mesma categoria. As classes de palavras não podem ser estabelecidas apenas com base em critérios morfológicos, uma vez que há classes que não se distinguem morfológicamente, como por exemplo as preposições e as conjunções.

As classes de palavras mais utilizadas por João de Deus na *Cartilha Maternal* é a classe dos nomes e a classe dos verbos.

Os nomes estão bem representados na *Cartilha Maternal* (quadro 6).

Nomes presentes na <i>Cartilha Maternal</i>		
alface	carta	luxo
água	dúvida	lei
ação	dia	limões
amigas	data	listas
alho	égua	manhã
atum	espelhos	mães
avô	fé	mãos
azeite	fato	médico
ar	ferro	menino
alfândegas	feijão	moças
boi, bois	filhos	maças
bola	flor	nau
bota	galo	nomes
batata	geada	número
bife	garrafa	ovo
burro	grossos, grossa	olho
cama	giz	óculo
cara	guerra	ovelhas
caracol	garfo	orelhas
cidade	homem	pato
cebola	hora	pobreza
colégio	igual	pá
colchão	irmãos	pássaro
carne	ilha	pêssego
carro	judeu, judia	prato
chá	juiz	pai
chuva	joelhos	pau
cabeça	junho	pé

Quadro 6 – Nomes presentes na *Cartilha Maternal*

Nomes presentes na <i>Cartilha Maternal</i>		
coração	jura	pó
culpa	luva	pele
cão, cães	loja	papel
cachorro	luz	pinhão
câmara	lua	pernas
caso	lã	

Quadro 6 – Nomes presentes na *Cartilha Maternal* (continuação)

Como nos indica Isabel Ruivo, a *Cartilha Maternal* tem mais de 300 nomes, dos quais 140 se encontram no Português Fundamental (Ruivo, 2009, p. 259).

Para João de Deus a unidade principal do discurso são as palavras. Destas destaca-se o verbo, sem o qual não há discurso. De facto, a construção de frases com sentido só é possível se existirem ações verbais.

- Mas que brincadeira é esta? Então como é que vocês querem passar sem mim, que sou o centro do universo?!

- Desculpem a expressão; eu que sou o centro, o sol da frase, pois que todas as palavras dela se organizam à minha volta, à volta do verbo!

(Nery, 1993, p. 195)

Na verdade, o verbo é o centro da frase e exprime na oração aquilo que o sujeito faz. O seu papel fundamental é situar no tempo o “assunto” da oração, ou seja, inseri-lo na sequência dos factos atribuindo-lhe uma realidade. A ação pode ter sido desempenhada pelo

sujeito, antes de ser produzido o ato de fala que a refere, mas também pode ser simultânea ou mesmo posterior à fala. A forma verbal irá indicar qual o momento da ação.

As crianças com cinco ou seis anos estão numa fase de aquisição de noções temporais. Esta perceção é conseguida com exercícios de recordar, dizer o que fez ontem e hoje e o que fará amanhã. A criança precisa de desenvolver a perceção sobre a sequência dos eventos e duração dos acontecimentos para dominar a noção de tempo.

Ao aluno é pedido que construa frases utilizando determinada palavra. Se lhe sugerirmos uma frase com um verbo ou, por exemplo, a forma verbal *deu*, a variedade de frases que conseguem construir é vasta, seja a partir desta forma verbal ou doutra. Desta forma, apelamos ao raciocínio e o aluno enriquece o seu vocabulário e assimila, de forma correta, a construção frásica.

A expressão oral é de extrema importância para que o aluno desenvolva e aprofunde o conhecimento da linguagem oral. As frases, sejam elas simples ou complexas, para exprimir sequências e relações, têm de respeitar as regras elementares de concordância.

Desde o 1º ano é essencial o domínio da comunicação oral. As Metas Curriculares de Português (2012) sugerem que a oralidade se treine “através de trocas de ideias e de debates coletivos sobre informações, projetos, (...) já encetada na escola infantil, [e] se torne uma atividade regular, para a qual o professor deverá reservar semanalmente, pelo menos, uma hora (Buescu *et al.*, 2012, p. 2). Neste sentido, no Método de Leitura João de Deus, os alunos comunicam, relacionam, criam frases e com as orações conseguidas concebem textos, articulando: nomes, verbos, adjetivos e outras classes de palavras que estão tão presentes na linguagem oral e escrita.

Isabel Ruivo (2009) fez uma análise a todas as formas verbais, flexionadas ou não, existentes na *Cartilha Maternal* e estabeleceu correspondência entre essas formas verbais e os verbos do Português Fundamental. Concluiu que das 270 formas verbais da *Cartilha*, 180 formas verbais são contempladas no Português Fundamental.

Revelamos a frequência das formas flexionadas, fazendo o levantamento dos verbos que surgem na *Cartilha Maternal* flexionados em quantidade superior a duas vezes, ou seja, os verbos que surgem numa mesma lição ou em várias lições, três ou mais vezes. Como podemos verificar pela análise do quadro 7.

Constatamos que o verbo *ir* e o verbo *ler* são os verbos que mais abundantemente surgem flexionados na *Cartilha Maternal*. O verbo *ir* é um verbo auxiliar, que veicula informação gramatical, adicionando-a ao verbo principal. Por isso, vemos a presença do verbo *ir* com uma ideia de movimento, não estagnamos e o aluno quando utiliza uma das formas flexionadas do verbo *ir*, avança, caminha, no verdadeiro sentido da palavra mas também articula estruturas linguísticas através do raciocínio e ligação entre os elementos da frase produzida.

O verbo *ler* está presente no dia a dia do aluno porque em qualquer momento o professor lê uma palavra, um enunciado, uma história. O aluno pede para lhe lerem um livro, pergunta o que está escrito e manifesta o interesse pela leitura. Sugerida a palavra da *Cartilha Maternal* o aluno forma frases, tais como: “*Eu já li*”, “*Eu leio um livro*”, “*O pai leu uma história*”.

Também observamos a predominância de verbos regulares e irregulares que nos parece pertinente. João de Deus não se cingiu a formas regulares, pelo contrário aparecem de forma acentuada os verbos irregulares.

Observamos, agora, as formas verbais mais frequentes na *Cartilha Maternal*:

Formas Verbais mais frequentes na <i>Cartilha Maternal</i>			
beijar beijar beije beijo beijou	falar fala fale falo falou	papar papa papava papei papou	viver vivi viveu vivia viva vive vivo
bater bate bateu batia batida bato	fazer faz fazer fez fiz fizesse	pedir pede pedi pediu	viajar viaja viajo viajava viajou
dar dá daí dada dão dava dei deu dou	ir fui for foste iam ida vá vai vou	rir riem risada risses	vir veio vim vir vinha
deitar deitei deito deitou	ler leem leia leio leu lia lido leste	tapar tapa papada tapava tape tapou	louvar louva louvo louvou
ficar ficam fique fiquei	ouvir ouvi ouvira ouvido ouviu	ter tenham teve tinha tive	poupar poupa poupo poupou
fugir foge fugir fuja		tocar tocam toque toquei	zelar zelar zelei zelou

formas verbais regulares
 formas verbais irregulares

Quadro 7 – Formas verbais presentes na *Cartilha Maternal*

No quadro estão assinaladas a cor de laranja as formas irregulares mais presentes nas lições da *Cartilha Maternal* (*dar, ficar, fazer, ir, ler, ouvir, pedir, pôr, rir, ter e vir*). A escolha das formas verbais, por João de Deus, parece-nos acertada, visto ampliarem o léxico do aluno quando integradas em estruturas frásicas.

Na *Cartilha Maternal*, para além dos nomes e verbos, surgem ainda adjetivos e advérbios que “permitem ao aluno desenvolver construções frásicas linguísticas, (...) possibilitando-lhe uma variedade enorme de experiências com a língua materna” (Ruivo, 2009, p. 261). É sem dúvida uma das nossas maiores preocupações possibilitar ao aluno o contato com a multiplicidade de vocábulos e desenvolver estruturas linguísticas. As interjeições, também pertencentes às classes abertas de palavras, não foram porém, encontradas na *Cartilha Maternal*.

Na *Cartilha Maternal* encontramos cerca de 17 advérbios e 63 adjetivos, como se observa nos quadros seguintes:

Advérbios presentes na <i>Cartilha Maternal</i>		
agora	cedo	quase
hoje	já	sim
tal	lá	só
exato	nada	também
assim	não	ali
cá	perto	

Quadro 8 – Advérbios presentes na *Cartilha Maternal*

Adjetivos presentes na <i>Cartilha Maternal</i>				
abafada	calvo	feito, feita	perplexo	sagaz
abatida	capaz	feroz	pobre	singelo
afiada	cego	fofo	preto	sisudos
alto, alta	célebre	geral	puro	tímido
azedo	certo	gordos	puro	tolo
azul	cheio	guloso	quieto, quieta	último
baixo	datada	humilde	raro	vã
baldo	desusados	idiota	raso	vazia
bela	execrável	justo	rica	verde
bexigasas	falsos	pálido	rijo	vil
boa	fatal	papada	ruço	
bruto	feio, feia	pardo	sã, sãos	

Quadro 9 – Adjetivos presentes na *Cartilha Maternal*

Ao contrário de outros métodos de leitura em que se dá primazia à classe dos nomes, por exemplo, o Método das 28 palavras, o Método de Leitura João de Deus inclui classes abertas de palavras, que já foram referidas anteriormente e também classes fechadas de palavras. Uma classe fechada de palavras constitui um conjunto finito, fazem parte dela os pronomes, os determinantes, os quantificadores, as preposições, as conjunções e os advérbios (à exceção dos de modo terminados em -mente). Não podemos ser precisos na integração de cada palavra numa destas classes gramaticais, porque o facto de serem palavras descontextualizadas podem pertencer a mais do que uma categoria que só é definida na frase em que se insere. Assim sendo, apresentamos um quadro (quadro 10) no qual tentámos integrar as palavras numa categoria:

Pronomes/determinantes/quantificadores		Preposições	Conjunções
algum	qual	com	antes
aqui, aquilo	quem	sem	
aquele, aquela	seus, suas	visto	
alguém	teu, teus		
esta, este	tu		
isto	umas		
meu	nenhum		
nós	todo		

Quadro 10 – Classes gramaticais presentes na *Cartilha Maternal*

O aluno faz a iniciação à abordagem de conteúdos gramaticais que, sendo apresentados em simultâneo com a aprendizagem da leitura, são uma mais-valia: “Enquanto domínio de uso da linguagem, a escrita não pode ser dissociada dos outros domínios da linguagem verbal (ouvir, falar, ler), bem como do conhecimento explícito da língua” (Carvalho, 2012, p. 9). Reconhecemos, pois, que para ler corretamente, é necessário saber articular a leitura com as competências linguísticas.

De acordo com o exposto, podemos concluir que a *Cartilha Maternal* não é só um método de ensino e aprendizagem de leitura, mas também um mecanismo de conhecimento da língua. A *Cartilha Maternal* organiza-se em 25 lições com uma multiplicidade de palavras e um variado léxico, que acolhe vários centros de interesse do Português Fundamental como foi referido nos quadros 1, 2, 3 e 4.

Ao longo das diferentes edições da *Cartilha Maternal*, o léxico foi adaptado, ou mesmo omitido, para a sua atualidade se manter. Por fim, encontramos na *Cartilha Maternal* variadas classes gramaticais, destas as mais pertinentes são a classe dos nomes e a classe dos verbos. O

aluno ao tomar contacto com estas classes gramaticais, ao iniciar a aprendizagem da leitura, passa a conhecer a estrutura da língua.

Tal como refere Ana Mira, a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura* “mostra uma riqueza surpreendente (...) que só um pensamento e uma sensibilidade excepcionais poderiam conceber” (1995, p. 6). Por isso chegou aos nossos dias e faz parte de gerações e do universo de inúmeros alunos. A *Cartilha Maternal*, usada desde cedo e de forma motivadora, permite aos alunos adquirirem a aprendizagem de processos gramaticais inspirados pelo Método de Leitura de João de Deus.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre o Método de Leitura João de Deus e o uso da *Cartilha Maternal*. Salientámos a aprendizagem da leitura e o conhecimento da gramática, e conseguimos encontrar mecanismos para transformar o conhecimento implícito da língua em conhecimento explícito. Este é um dos objetivos do estudo formal da gramática. Esta competência conhecimento explícito, transmite-se em contexto escolar através do ensino da gramática e pode ser realizada em articulação com a aprendizagem da leitura. Ao analisarmos a *Cartilha Maternal*, concebida por João de Deus, como alavanca para o ensino da leitura, conseguimos vê-la como promotora do estudo da língua.

Com a vontade de dar o nosso contributo, como profissional consciente e preocupada com o sucesso dos nossos alunos, demonstramos que, para adquirirmos um conhecimento proficiente da língua portuguesa, é necessário e indispensável a articulação entre um método de leitura e a aprendizagem de princípios e regras que regulam o uso oral e escrito da língua. Assim sendo, o Método de Leitura João de Deus, encarado como criativo, inovador, dinâmico e interativo, é um instrumento de acesso à leitura e à escrita, permitindo o desenvolvimento da consciência linguística e do enriquecimento intelectual. Como menciona Inês Sim-Sim (1998, p. 246), “aproximadamente por volta dos seis anos, a criança passa a dispensar atenção e processar, consistente e simultaneamente, o conteúdo comunicativo da mensagem e a correção linguística da estrutura”.

Deste modo, o Método de Leitura João de Deus inicia o desenvolvimento linguístico e a aprendizagem da leitura, antes da entrada

para o 1º ano, por volta dos cinco anos, e preocupa-se com o desenvolvimento da consciência fonológica. “A aprendizagem da leitura e escrita dependem e, simultaneamente, influenciam o domínio da consciência linguística já existente, particularmente ao nível da consciência fonológica” (Sim-Sim, 1998, p. 246). Desta forma, feita uma análise à *Cartilha Maternal*, encontramos conteúdos que nos fazem compreender as estruturas da língua, destacando-se a fonologia e a fonética, tal como a morfologia das palavras, o léxico e as classes de palavras.

Demonstrámos no segundo capítulo, que é possível conhecer a gramática através de processos que apelem à memorização de regras, pois é imprescindível em determinadas situações. Porém, mais importante do que isso é a compreensão dessas mesmas regras, tornando esta forma de perceber a língua e o conjunto de normas que a regulam de modo compreensível. Assim como Inês Sim-Sim, defendemos que o grande objetivo do ensino da gramática é “a sistematização e solidificação do conhecimento da língua, ou seja, uma maior consciencialização das regularidades da língua, das unidades que a compõe e da estrutura de articulação dessas unidades” (Sim-Sim, 1998, p. 247).

A interação do aluno com as palavras e frases, que muitas vezes são criadas pelo aluno, destaca este método como interativo e focado no aluno como ser ativo e participante nesta aprendizagem. Assim, como é referido, o Método de Leitura João de Deus manifesta-se num processo de descodificação que parte do mais simples para o mais complexo.

Uma das dificuldades com que nos deparámos, foi o facto de haver poucos estudos efetuados que se debruçam sobre o processo de

aprendizagem pelo Método de Leitura João de Deus, e é inexistente a análise sobre o ensino da gramática e este Método de Leitura.

Na verdade, constatamos que é a *Cartilha Maternal* muito mais que um método de leitura, porque aborda estruturas fonéticas e fonológicas de forma vincada, que são necessárias na aquisição da competência da leitura. Defendemos que é possível, os alunos do 1º ano classificarem palavras quanto ao número de sílabas e distinguirem sílaba tónica da átona, porque o Método de Leitura João de Deus aplica estes conteúdos para facilitar a leitura e a escrita. Deste modo, o aluno aprende a ler com facilidade e toma consciência da noção de sílaba e da respetiva sílaba tónica e sílaba átona. Ter a noção de sílaba é fundamental para uma boa articulação da linguagem. Reconhecemos que ler corretamente é necessário e é fundamental saber articular as competências linguísticas, pois “Se pensarmos quantos enunciados ouvimos, lemos ou produzimos em apenas uma hora do nosso dia e como somos bem sucedidos nas nossas produções e na forma como interpretamos a língua que se produz à nossa volta, conseguimos avaliar como o nosso conhecimento da língua funciona de forma eficiente” (Costa, 2011, p. 9). Ao compreendermos isto, conseguimos apercebermo-nos que ensinar gramática não é ensinar algo completamente novo, é sim tornar os nossos alunos conscientes de um conhecimento que eles têm e aplicam, mas do qual não têm consciência.

Independentemente das ideologias pedagógicas seguidas pelas diferentes instituições superiores de educação no nosso país seria enriquecedor que todas contemplassem nos seus currículos o estudo aberto dos diferentes métodos de leitura existentes, incluindo o Método de Leitura João de Deus.

A *Cartilha Maternal* e o Método de Leitura João de Deus transmitem ao aluno a forma de ler, de conhecer os elementos do discurso e as regras que permitem a aprendizagem de conteúdos gramaticais. Para ensinar gramática proporcionamos aos alunos, uma aprendizagem individualizada, ao ritmo de cada um e progressiva. A motivação na aquisição da leitura e aquisição de conteúdos é dinamizada por este método. O ensino de gramática é um jogo de articulação entre fonemas, letras, sílabas, frases que permite descobrir e conhecer a língua.

Atuamos de forma a considerar a individualização de certos tipos de aquisições (leitura e escrita), adaptando e doseando as progressões de forma a respeitar o ritmo do aluno, podendo este precisar de mais tempo para que a aprendizagem seja bem sucedida. Como declara Maria Montessori “a criança cresce segundo seu ritmo e interesse”. O respeito pelo ritmo de aprendizagem é uma característica do ensino pela *Cartilha Maternal*, tal como a relação afetiva entre quem ensina e quem aprende.

A presença dos 705 vocábulos na *Cartilha Maternal*, apresenta-nos uma variedade lexical que sem dúvida, é trabalhada de forma a enriquecer o vocabulário do aluno. Verificou-se que as classes de palavras mais predominantes são os nomes e os verbos, embora os adjetivos e advérbios também pertençam ao conjunto de léxico dominante.

De forma sintetizada as áreas da gramática que são abordadas, utilizando o Método de Leitura João de Deus são as seguintes: Fonética e Fonologia, Prosódia – sílaba, acento e identificação de sílaba e classificação das palavras quanto ao número de sílabas e quanto à posição da sílaba acentuada. Encontramos ainda a identificação e utilização dos acentos. Também a Pontuação, o Léxico e, por último, a Classe de Palavras são temáticas que podem e são trabalhadas a partir da

Cartilha Maternal desde a iniciação à leitura e escrita. Assim conseguimos que “o aluno adquira e desenvolva a capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais da nossa língua” (Buescu *et al.*, 2012, p. 6), através do Método de Leitura João de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIENDE, Felipe & CONDEMARÍN, Mabel (2005). *A Leitura, Teoria, Avaliação e Desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed.

ASSOCIAÇÃO DE JARDINS-ESCOLAS JOÃO DE DEUS (1975). *Estatutos Jardins-Escolas João de Deus*. Lisboa: AJEJD, pp. 5-6.

BAIRRÃO, Joaquim e VASCONCELOS, Teresa (1997). “A Educação Pré-Escolar em Portugal: Contributos para uma Perspectiva Histórica”. *Inovação*, vol. 10, n.º 1, pp. 7-24.

BALTÉ, Teresa (1973). *O Ensino da Leitura*. São Paulo: Editorial Estampa.

BARRETO, Graziela (2004). *Em Nome do Pai, João de Deus Ramos e a Escola Nova*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

BRITO, Ana & DUARTE, Inês (2010). “Mudam-se os tempos, muda-se a gramática”. *Gramática: História, Teoria, Aplicações*. Porto: Universidade do Porto, pp. 11-28.

BUESCU, Helena *et al.* (2012). *Metas Curriculares de Português do Ensino Básico – 1º, 2º e 3º ciclos*. Lisboa: Ministério da Educação.

CAMPAGNOLO, Henri (1979). *João de Deus Pedagogo Moderno*. Lisboa: Museu João de Deus.

CARVALHO, António (1990). *La pedagogie de João de Deus Ramos*. Lisboa: Museu João de Deus.

CASANOVA, Isabel (2009). *Dicionário Terminológico-Compreender a TLEBS*. Lisboa: Plátano Editora.

CASTELEIRO, João Malaca (1984). *Português fundamental*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

C.C.C. Conseil de la Coopération Culturelle (1981). *Éducation Préscolaire*. Strasbourg: Conseil de l' Europe.

C.C.C. Conseil de la Coopération Culturelle (1988). *Les Grands Priorités de L'Éducation Préscolaire*. Strasbourg: Conseil de l' Europe.

CINTRA, Lindley & CUNHA, Celso (2002). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

CHÁ-CHÁ, Cecília Varela (2009). *João de Deus – Dois Pedagogos, uma Obra*. Lisboa: Roma Editora.

COELHO, José Augusto (1898). “O ensino inicial de leitura”. In Ferreira, Alberto (1973). *Antologia de Textos Pedagógicos do século XIX Português*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência Centro de Investigação Pedagógica.

COSTA, João (2008). “Conhecimento gramatical à saída do Ensino Secundário: estado actual e consequências na relação com leitura, escrita e oralidade”. *Actas. Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC. pp. 149-165.

COSTA, João *et al.* (2011). *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

COSTA, Maria Armanda (1999). “Incidências da Investigação Psicolinguística na Didáctica da Língua Materna”. *I Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*. Coimbra: Almedina. pp. 99-102.

DEUS, João de (1876). *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*. Porto: Edição Expresso

DEUS, João de (1878). *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, publicada pelo seu amigo Cândido A. de Madureira, Abbade d'Arcozello. 1 v. ; 8°. Lisboa: Imp. Nacional. In <http://purl.pt/145> (acedido a 7/05/2013).

DEUS, João de (1909). “Cartilha Maternal e a Crítica”. *Prosodia Portuguesa – Estudo Previo da Orthographia* (Coordenado por João de Deus Ramos). Coimbra: Editor F. França Amado, pp. 362-363.

DEUS, João de (2009). *Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escola João de Deus.

DEUS, Maria da Luz (1997). *Guia Prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

DUARTE, Inês (1992). “Oficina gramatical: contextos de uso obrigatório do conjuntivo”, in Delgado-Martins *et al.*, *Para a Didáctica do Português. Seis estudos de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri.

EURYDICE (2010). *Estruturas dos Sistemas de Educação e Formação na Europa, 2009/2010*. Lisboa: Ministério da Educação.

EURYDICE (2012). *O Ensino da Leitura na Europa: Contextos, Políticas e Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação. In <http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/192.html> (acedido em 20/09/2013).

FALÉ, Isabel, SERÔDIO, Cristina *et al.* (2011). *Nova Gramática Didática de Português - 3º Ciclo e Secundário*. Lisboa: Santillana-Constância.

FONS, Montserrat *et al.* (2001). “Aprender a ler y a escribir”. *Didáctica de la lengua en la education infantil*. Madrid: Síntesis, pp. 125-168.

FREITAS, Maria João *et al.* (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.

GOMES, Joaquim Ferreira (1976). *Algumas Reacções em torno da Cartilha Maternal de João de Deus*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

GOMES, Joaquim Ferreira (1986). *A educação infantil em Portugal*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.

LEITÃO, António (1905). “Castilho e João de Deus”. *A Instrução do Povo*. 2, pp. 46-47.

LOBATO, Monteiro [1934]. *Emília no País da Gramática*. São Paulo: Círculo do Livro.

LOPES, João Arménio (2006). *Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim de Infância. Manual de actividades*. Porto: Edições ASA.

MAGALHÃES, Joaquim (1995). *João de Deus este desconhecido*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

MARTINS, Margarida. A. (1996). “Pré-História da aprendizagem da leitura: Conhecimentos Precoces sobre a Funcionalidade da linguagem escrita”. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, pp. 105-136.

MARTINS, Maria da Conceição Pacheco Sampaio (2009). *Dificuldades de Aprendizagem Específicas Centradas na Leitura e Práticas Eficazes*

de Intervenção Braga: Universidade do Minho. In <http://hdl.handle.net/1822/10976> (acedido a 01/08/2013). (Tese de mestrado).

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

MENDONÇA, Onaide Schwartz (2011). “Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização”. São Paulo: UNESP. In <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40137> (acedido a 21/09/2013).

MIRA, Ana Maria (1995). *João de Deus e a actualidade do seu método ou Arte de Leitura*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

NABUCO, Maria Emília & LOBO, Maria Miquelina (1997). “Articulação entre o jardim de infância e o 1º ciclo do ensino básico (um estudo comparativo)”. *Saber (e) educar*, pp. 31-41.

NABUCO, Maria Emília (2000). *A avaliação como processo central da intencionalidade educativa (a avaliação das crianças dos 0 aos 6 anos de idade)*. Lisboa: Escola Superior de Educação.

NERY, Júlia (1993). *Na casa da língua moram as palavras*. Porto: Edições Asa.

NÓVOA, António (1991). *Um Tempo de Ser Professor*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

NUNES, Mário (1996). *João de Deus*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

OLIVEIRA, Cátia Regina (1998). “João de Deus, a Cartilha Maternal e o ensino da leitura em Portugal”. In <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30688/pdf> (acedido a 09/02/2013).

PEREIRA, Susana (2010). *Explicitação Gramatical no 1º ciclo. Desenvolver Competências em Língua: Percursos Didáticos*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 145-174.

RAMOS, João de Deus (1902). *Os Altos Princípios do Método de João de Deus*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

RAPOSO, Nicolau (1991). *O Contributo do Método João de Deus para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

RUIVO, Isabel Maria Silva (2009). *Um novo olhar sobre o Método de Leitura João de Deus*. Málaga: Faculdade de Ciências da Educação. (tese de doutoramento).

SIM-SIM, Inês (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

SIM-SIM, Inês (2001). “A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico”, *Cadernos de Formação de Professores*, nº 2, pp. 51-54.

SOUZA, Rita Rodrigues de (2010). “Emília no país da gramática: por ensino de línguas sem pedras no caminho”, *REVELLI – Educação, Linguagem e Literatura de UEG-Inhumas*, n.1, v.2, pp. 38-52.

SPRINGTHALL, Norman & SPRINGTHALL, Richard (1993). *Psicologia Educacional. Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill, pp. 149-150.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2001). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau*. São Paulo: Cortez. pp. 23-26.

VALE, Fernando (1991) *A Literatura Infantil em Portugal. João de Deus – um pioneiro?* Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1976). *A Cartilha Portuguesa e em especial a do Snr. João de Deus*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VIANA, Fernanda Leopoldina (2002). *Aprender a Ler. Da aprendizagem formal à aprendizagem informal*. Porto: Edições Asa.

VIEIRA, Maria Cristina (2008). “O valor do conhecimento gramatical no ensino-aprendizagem da língua”. *Saber (e) Educar*, 13, pp. 89-106.

VILELA, Mário (1993). “O ensino da gramática na Escola: que saída e que justificação?”, in *Diacrítica*, nº 8, p. 144.

XAVIER, Lola Geraldês. (2009). “Ensino da gramática: reflexões em torno do verbo”. *Exedra*, nº1, pp. 167-176.

XAVIER, Lola Geraldês. (2013). “Ensinar e Aprender Gramática: Algumas Abordagens Possíveis”. *Exedra*, nº 7, pp. 146-154.

ANEXOS

Anexos

- ANEXO 1** Imagem de João de Deus na 3ª edição da *Cartilha Maternal*, de 1878
- ANEXO 2** Poeta João de Deus com os filhos
- ANEXO 3** João de Deus Ramos
- ANEXO 4** Letra da canção Lágrima Celeste
- ANEXO 5** Inauguração do 1º Jardim-Escola em Coimbra em 1911
- ANEXO 6** Museu João de Deus em Lisboa
- ANEXO 7** Escola Superior de Educação João de Deus – Lisboa
- ANEXO 8** *Dicionário Prosódico Luso-Brasileiro* de 1885
- ANEXO 9** *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*
- ANEXO 10** Aula de *Cartilha Maternal*
- ANEXO 11** *Cartilha Maternal* grande utilizada em sala de aula
- ANEXO 12** *Cartilha Maternal* de 2009

ANEXO 1

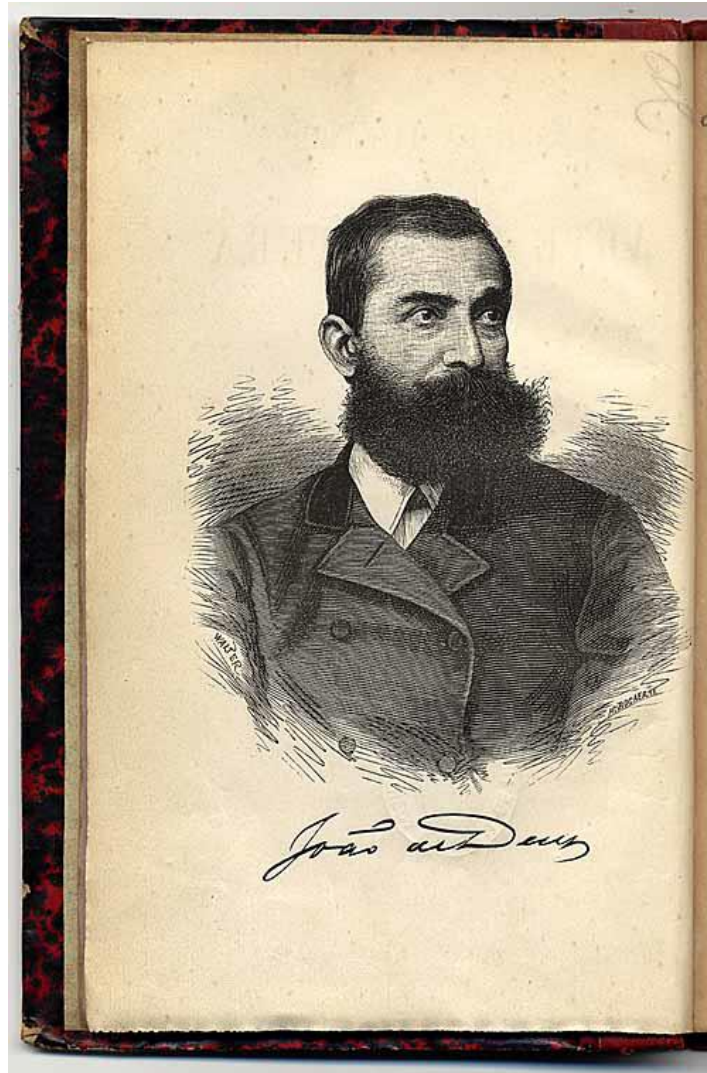


Imagem de João de Deus na 3ª edição da *Cartilha Maternal*, de 1878.

ANEXO 2



O poeta João de Deus com os filhos. João de Deus Ramos é o segundo da esquerda para a direita. Fotografia tirada em 1887.

Imagem retirada de *João de Deus-Dois Pedagogos, uma Obra*.
(Chá-Chá, 2009).

ANEXO 3



João de Deus Ramos

Imagem retirada de *Em Nome do Pai, João de Deus Ramos e a Escola Nova* (Barreto, 2004).

LÁGRIMA CELESTE

Lágrima celeste,
pérola do mar,
tu que me fizeste
para me encantar!

Ah! se tu não fosses
lágrima do céu,
lágrimas tão doces
não chorava eu.

Se eu nunca te visse,
bonina do vale,
talvez não sentisse
nunca amor igual.

Pomba debandada,
que é dos filhos teus?
Luz da madrugada,
luz dos olhos meus!

Meu suspiro eterno,
Quando o néctar chora
que se lhe introduz
ao romper da aurora
e ao raiar da luz!

Se de ti me esqueço
ou já me esqueci,
ou se mais lhe peço
do que ver-te a ti!

A ti, que amo tanto
como a flor a luz,
como a ave o canto,
e o Cordeiro a Cruz;

A campa o cipreste,
a rola o seu par,
lágrima celeste,
pérola do mar

Lágrima celeste,
pérola do mar,
tu que me fizeste
para me encantar?

(...)

João de Deus
In Campo de Flores

ANEXO 5



Inauguração do primeiro Jardim-Escola em Coimbra em 1911.
Imagem *in*: <http://www.jardimescolajoaodedeus.pt/quemsomos>.

ANEXO 6

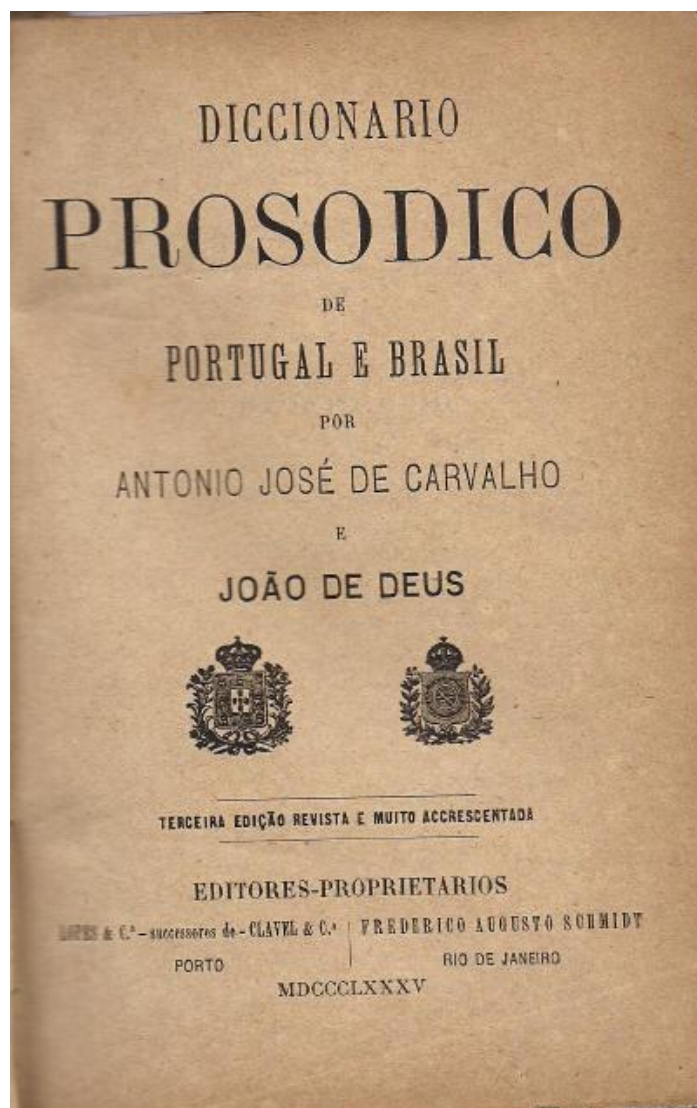


Museu João de Deus em Lisboa

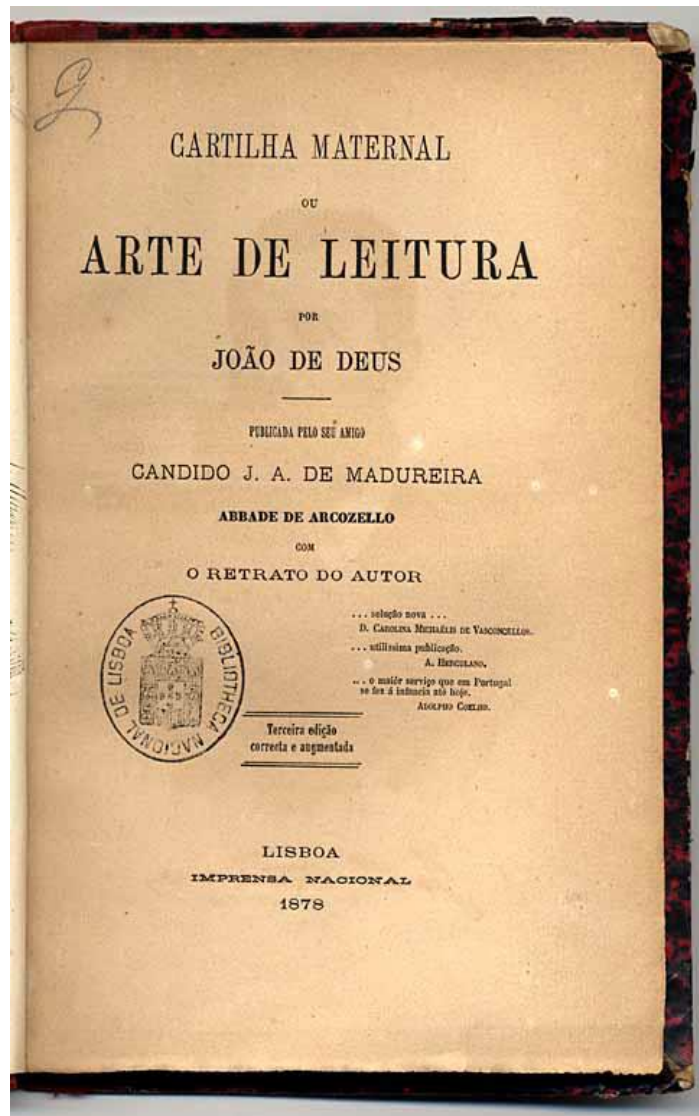
ANEXO 7



Escola Superior de Educação João de Deus – Lisboa



Dicionário Prosódico Luso-Brasileiro de 1885.



Cartilha Maternal ou Arte de Leitura

ANEXO 10

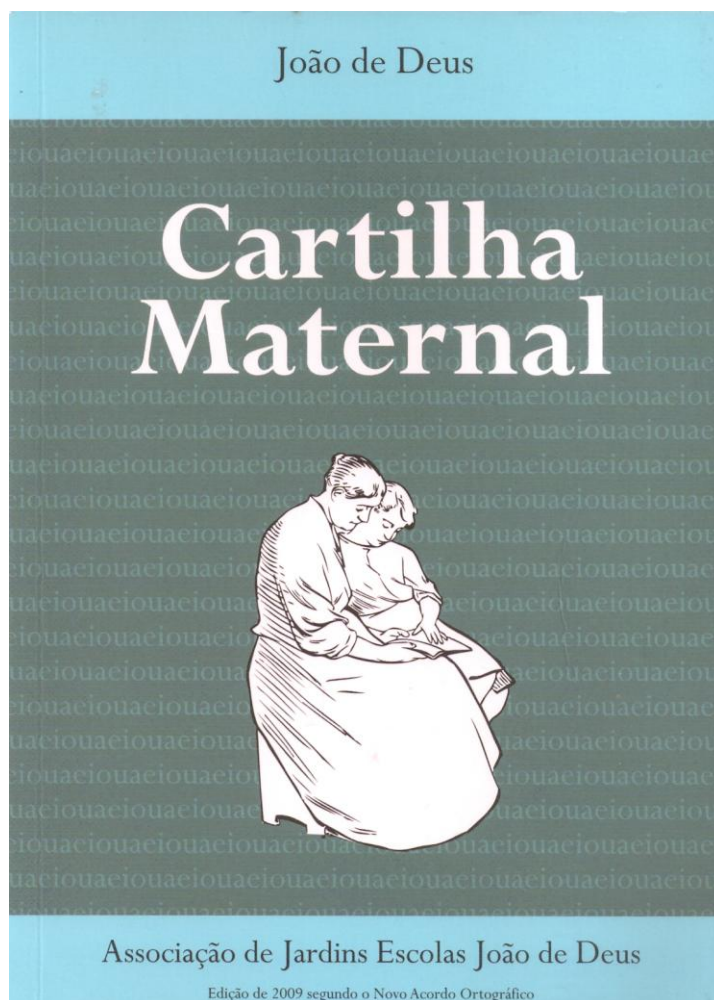


Aula de Cartilha Maternal

Imagem retirada de *Em Nome do Pai, João de Deus Ramos e a Escola Nova* (Barreto, 2004).



Cartilha Maternal grande utilizada em sala de aula



Cartilha Maternal de 2009